

ESTUDANTES



340.05
R 297r

a. 2 m. 2 1947

FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE

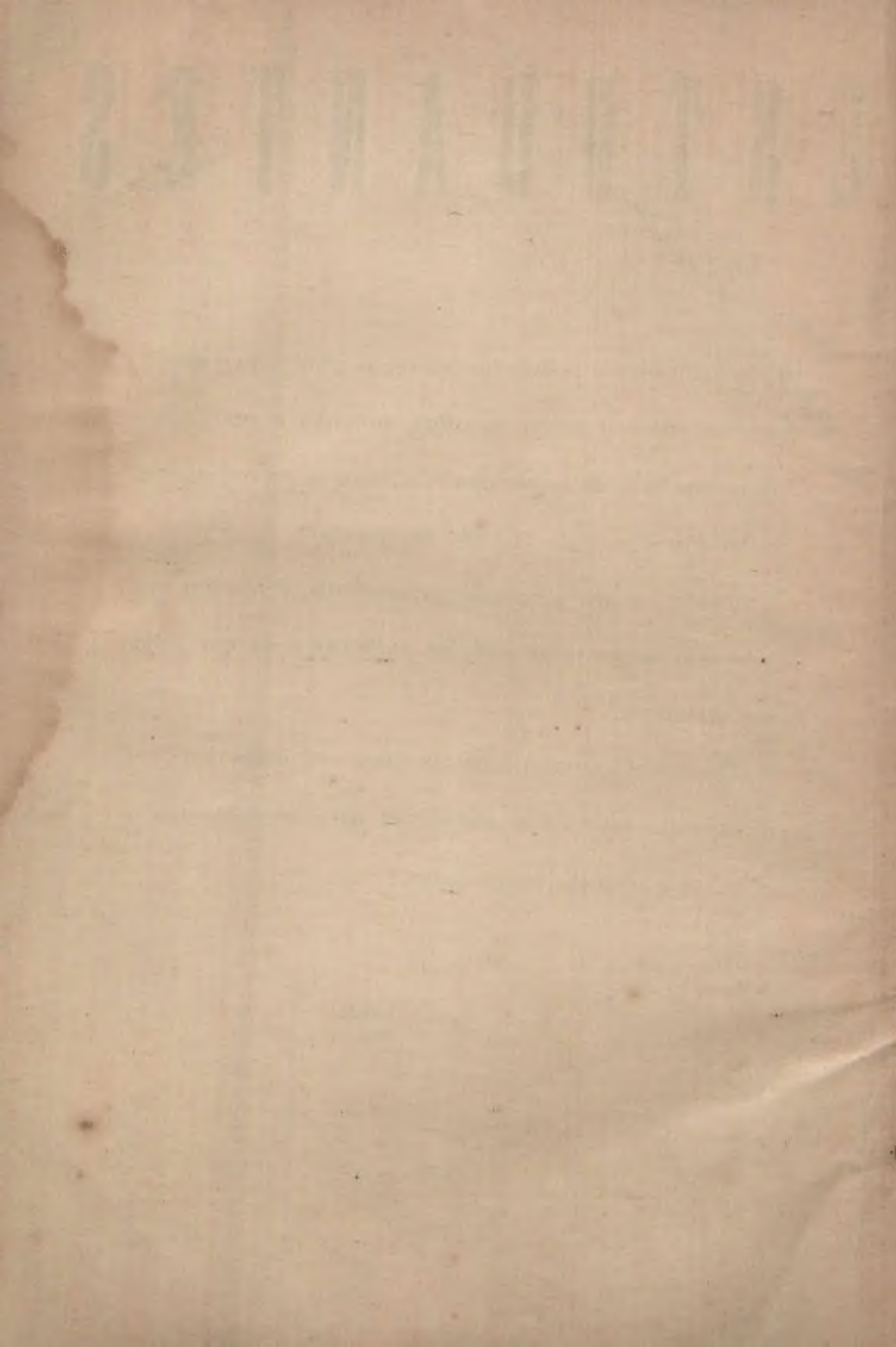
ESTUDANTES

Quando surgiu pela primeira vez se propunha a acompanhar passo a passo as lutas, projetos e sacrifícios dêsse punhado de moços que tumultua os corredores da velha Faculdade de Direito do Recife.

Obstáculos grandes, quasi invencíveis, forçaram um intervalo longo entre aquelas palavras e as que hoje vos dirigimos.

Ágora, eis que aqui estamos outra vez, dispostos ainda a mais esforços e sacrifícios para alcançarmos o objetivo a que nos propuzemos.

Ac. 378831
Ex. 1
826145



A UNIVERSIDADE DO RECIFE

Recife tem, hoje, a sua Universidade. Idéia-fôrça que se transformou em idéia-fato, é para nós, para aqueles que têm fé no grande destino das elites e na soma do pensamento científico, uma etapa notável na realização dos ideais da cultura humana. Da cultura, que não é, apenas, um organismo, nascendo, crescendo e morrendo, segundo a visão crepuscular de Frobenius e Spengler. Da cultura, que não se perde no relativismo e no ceticismo, mas ultrapassa o plano horizontal a que se prende tôda concepção filosófica incapaz de atingir o Absoluto. Da cultura incompatível com a civilização despersonalizante e "futurista" e que, possuindo as cores da terra, se eleva para Deus.

A Universidade do Recife é um pequeno sistema planetário, tendo como centro, a Faculdade de Direito com as suas nobres tradições, suas galerias e anfiteatros por onde passaram tantos professores, tantos homens de ciência, descobrindo roteiros e batendo o malho da formação intelectual do nosso país. É que a Escola de Tobias e Bevilacqua, de Andrade Bezerra e Joaquim Amazonas tem uma personalidade tão forte, que não se diluidá jamais no conjunto universitário que se esboça, mercê da feliz iniciativa do governo brasileiro.

As universidades não devem ser consideradas organismos regionais subordinados a interesses e objetivos particulares, quanto visam, como salienta Coffman, tudo o que diz respeito á liberdade de ensino e ao bem da humanidade. Eis o sentido democrático e universalista, que deve existir na educação, verdadeiro processo de socialização metódica para Durkheim, que a define como a ação das gerações maduras sobre as que não chegaram ainda á plenitude da vida coletiva.

É certo que não admitimos, integralmente, as idéias do autor de — *Education et Sociologie* — pelo seu naturalismo, pelo avançado realismo cujas origens estão em Rousseau, Saint-Simon, Comte e Espinas. Entretanto, não podemos negar o caráter dinâmico, biológico, objetivo e social da educação.

Estudar não consiste, apenas, em assimilar, desordenadamente, idéias alheias e sem aplicação á existência das cousas e dos homens, do progresso e da civilização. O intelectualismo, sistema em que o aluno percorre mundos abstratos fóra dos rumos certos, perdeu, de há muito, a sua oportunidade histórica e cultural. O centro de interesse é, na técnica pedagógica, de suma importância. Fruto da vida e das relações, é para a vida, que a escola se dirige. Formar na pessoa do educando, o espírito de liberdade, de luta e de trabalho pela aquisição do bem estar, deve ser o ponto colimado pela professor. O educando é um ser que precisa adaptar-se ao mundo exterior, porque, no desenvolver desta comunhão, é que reside o segredo da boa pedagogia. Educar para viver, ou melhor, viver a própria educação. Esta deve saber aproveitar as tendências do aluno para que êle veja, na escola, um motivo de alegria, de felicidade relativa. Sob esta orientação, cabe ao mestre acompanhar de perto a alma do discípulo, analisar-lhe as atitudes em face dos programas e da existência.

Dessarte, os cursos mantidos pelas escolas do ciclo superior devem estar em harmonia com a realidade nacional, se bem que conservem uma certa aproximação com os de outros povos sob múltiplos aspectos. Em nosso livro — *Trabalho, Organização e Moeda* — já tivemos a oportunidade de afirmar que, para alguns autores, as matérias indispensáveis ao progresso de uma universidade hodierna são as seguintes:

1 — Ciências puras:

- a) — matemáticas: aritmética, álgebra, geometria, trigonometria, etc.;
- b) — ciências físicas: geologia, química, física, mecânica, hidráulica, mineralogia, geografia, astronomia e geodésia;
- c) — ciências fisiológicas: biologia, botânica, zoologia, anatomia e histologia, fisiologia e bacteriologia;

- d)—ciências sociais: direito, economia política, sociologia, filosofia, política, psicologia, história, pedagogia, religião e linguas.

2 — Ciências aplicadas:

- a)—ciências organicas: medicina, cirurgia, odontologia, farmácia, higiene, agricultura ,etc.;
- b)—ciências construtivas: engenharia civil, engenharia mecânica, de electricidade, de minas, de arquitetura e urbanismo, de saúde pública e de administração, bem como engenharia naval, militar, química, metalúrgica, eletroquímica e aeronáutica;
- c)—ciências econômicas: organização do trabalho, transportes, comércio, cambio e seguro.

No quadro acima, verifica-se a união das culturas material ou aplicada e intelectual ou pura — o que produziria muitos benefícios para o Brasil.

Outrossim, demonstramos, no livro citado, que, nos Estados Unidos da América do Norte, prepondera a **tendência cultural do saber fazer e de fazer bem feito**. O formalismo puro em pedagogia foi modificado pelo sistema que muda os conhecimentos do homem do século XX em instrumentos aplicáveis ao terreno das “forças brutas da natureza”. É a vitória do pensamento pragmático de John Dewey e do seu **método de projetos**. É a reabilitação da atividade da mente, empregada no sentido da própria realidade, as suas leis e fins.

Dewey é, sem dúvida, o mestre dos nossos tempos. Filosoficamente, prega o **ativismo**, pesquisa as situações problemáticas e o processo continua e dinâmico da experiência que é físico-química, orgânica e psico-orgânica. O **projeto**, para ele, se exprime na unidade do trabalho educativo; é atividade social motivada por um centro de interesse e para um fim próximo e útil. Faz da aprendizagem, uma exata compreensão do mundo integral e unitário onde se desenvolve o educando. É firme reação contra o princípio do esforço, oriundo da idade média, radicada poderosamente no intelectualismo pedagógico. É trabalho planejado com os materiais fornecidos pelo meio geográfico, econômico e

social. Segue a civilização em mudança, a democracia em luta contra o totalitarismo cuja morte foi prevista por W. Kilpatrick como uma consequência da evolução histórica dos povos.

Infelizmente, o nosso sistema pedagógico se encontra governado por tendências intelectualistas: de um lado, os professores discorrem, cêlere e brilhantemente, sobre temas complexos, incompreensíveis, galgando verdadeiras montanhas bibliográficas; de outro, os alunos se esforçam por **copiar**, em seus cadernos coloridos, o que os mestres dizem na sua linguagem mirabolante. Nada é mais prejudicial do que esse hábito de repetir, de cansar a memória e de transformar cadernos em livros didáticos que se transmitem de ano para ano. Não esqueçamos que os alunos necessitam de “tomar as suas notas” a respeito do que ensinam os bons professores, mas devem ter iniciativa, personalidade, enfim, devem ser **estudantes**.

Sabemos que o Brasil atravessa uma de suas fases mais sérias com referência à educação, porém não ousamos acreditar que a solução do problema esteja na transplantação de sistemas pedagógicos de outras nações mais adiantadas como os Estados Unidos e a Inglaterra. Precisamos conhecer mais profundamente as nossas inúmeras necessidades, aperfeiçoar os centros de ensino, planificar, democratizar a educação, enfim, realizar algo de definitivo para felicidade do nosso povo.

Tratando do assunto, Armando Sales de Oliveira escreveu em 1937: “Para alcançar um êxito completo, por três princípios fundamentais, se terá de orientar a política nacional de educação. Em primeiro lugar, o sistema de educação deve ser adaptado à nossa estrutura social; em segundo lugar, é tempo de substituímos um conglomerado de escolas, isoladas e justapostas, por um sistema orgânico de educação, maleável e vivo. E, por ultimo, como as sociedades modernas rapidamente se transformam sob o influxo incessante do progresso científico e do espírito democrático, a organização do sistema nacional de educação deve ser vigoroso e bastante flexível para amortecer os pontos de atrito

com o sistema social e ajustar sem abalá-los o ritmo de suas transformações ao das mudanças produzidas pela evolução econômica e social do mundo".

A Universidade do Recife preparará quadros técnicos e culturais onde figurarão professores, bachareis, engenheiros, médicos, pintores, escultores que irão servir ao Nordeste e ao país. A colaboração das partes componentes do novo organismo se nos afigura como uma das condições essenciais ao triunfo coletivo. Além disso, eliminadas as possibilidades de conflito, a nossa Universidade será uma fecunda organização em

que, entre outros, hão de predominar estes elementos: hierarquia de valores; respeito às liberdades e às tradições; solidariedade profissional e grupal; pesquisas científicas; elaboração de planos e soluções dos problemas gerais do Brasil e da nossa região; intensificação e extensão de obras educacionais como as bibliotecas, o cinema, o teatro e o rádio; trabalho pelo desenvolvimento técnico, econômico e social do Nordeste e, por fim, criação do alto nível cultural em oposição ao autodidatismo, ao "empirismo sem base e sem horizonte" que muito pouco têm produzido em favor da grandeza nacional.

Assim, Deus nos livre de que a Universidade do Recife não possa atingir as suas finalidades supremas.

A R N O B I O G R A Ç A



GEORGES BERNANOS AOS BRASILEIROS — Vossa terra não é em minha vida uma lembrança como tantas outras que afasto ou que evoco a meu bel prazer — vossa terra — essa terra e esse céu, seus dias, suas noites, seu calor, seu hálito — esta terra me é doravante, sempre presente.

Não tenho necessidade de evocá-la. Nem sinto mesmo vontade de descrevê-la, ou pintá-la. Ela está, doravante — de um lado pela parte que lhe toca — em tudo quanto faço, em tudo quanto sonho; e desse modo estará ela em cada circunstância de minha vida até a morte. E assim estará também na minha morte, perdida na minha agonia.

(O caso de consciência da França — 19-5-46).

AQUELES TRÊS ADOLESCENTES

Três moços deixaram, na Faculdade de Direito, nesses anos, um sinal de eternidade: Deolindo, Demócrito e Cedrinho.

Três vidas, cujas aspirações e esperanças eram diversas mas que a morte identificou e uniu por um destino trágico,

E em todos os três, de tão diferentes caminhos, nós descobrimos o mesmo traço comum de nossa geração: êsse sofrimento que acompanha a nossa mocidade, não apenas sob a forma de inquietações e incertezas diante do espetáculo desse mundo arruinado, mas que se vem transformando em sangue com uma constância terrível. —

E é com a sua presença, até hoje não interrompida, que se pode perguntar, aos homens e ao próprio Deus, que males e pecados cometeu essa mocidade.

Que crimes praticaram os adolescentes Deolindo, Demócrito e Cedrinho para se encontrarem, na morte, com aquele destino trágico ?

Pareciam bem diversos os rumos dos três.

O primeiro, o poeta Deolindo Tavares, incompreendido e até injustiçado na Faculdade, não será julgado por nenhum de nós.

Podemos apenas apresentá-lo como êle foi para que a posteridade reconheça nele um poeta autêntico, cuja sensibilidade sempre esteve aberta aos estímulos das cousas, consideradas mortas e estranhas no sentir incompleto da poesia acadêmica.

O mesmo Deolindo Tavares reservado e tímido, a se esquivar dos corredores agitados da Academia, porém revestido interiormente de uma riqueza poética incomum, que aqui viveu o pouco de sua mocidade atormentada e escreveu os seus poemas, agora incorporados, como cousa valiosa, á literatura nacional.

O rumo desse moço era a Arte. A poesia, a sua vocação orgânica.

A beleza, a sua finalidade.

O outro adolescente era um espírito revolucionário.

Não amava a vida pela beleza poética que ela encerra, mas pelo que existe nela de dinamismo e de luta.

Olhava-a, antes, por assim dizer, heroicamente.

Enquanto Deolindo encontrava no recolhimento o caminho de sua poesia, Demócrito encontrava na luta a sua própria vocação.

Deolindo sentindo o mundo através do seu retiro, Demócrito querendo aprendê-lo e dominá-lo com a sua palavra e com o seu destemôr.

E foi por não considerar a sua Faculdade apenas como um edificio todo empinado de orgulho de tradições puramente culturais que Demócrito caminhou naquela tarde livre de Março para depois misturar o seu sangue com os papéis da redação, cheios de ideais de resistência.

O último adolescente que o destino recolheu, ensanguentando, numa calçada do Derbi, foi Cedrinho.

Não era um Demócrito, nem um Deolindo, mas não negou nem um nem outro.

Não negou Demócrito, porque soube ser útil á sua geração, lutando também, com o mesmo desassombro, pela grande causa comum: trabalhando no "Cupim", cooperando nos manifestos, fazendo do seu carro não um automóvel lustroso de rua Nova, mas um carro de lutas, a levar idealismos e bandeiras, como naquela manhã da queda de Paris.

Bem próximo também esteve Cedrinho do outro sentido de nossa geração: a poesia, de que Deolindo é a sua figura máxima, como Demócrito é a grande figura do sofrimento.

Pois Antônio Cedro Carneiro Leão foi sobretudo um homem de sensibilidade.

Um homem, como poucos, que soube sentir e mesmo compreender a arte popular; que soube sentir o drama do sofrimento alheio e cujo bolso jamais deixou de estar aberto diante de todo o braço estendido para a caridade pública.

Para os seus amigos não foi Cedrinho apenas o companheiro bom e definitivo.

Só não teve êle de irmão o laço do sangue.

Mas foi irmão pela amizade nunca vacilante e pela vida quase vivida em comum.

Foi irmão pela liberalidade e pela renúncia.

Deolindo, Demócrito, Cedrinho, três caminhos que pareciam tão diversos

mas que a morte uniu e identificou antes de os recolher no coração largo de Deus. E é sobre êles que recae aquele verso do poeta:

Adolescentes que a morte breve
Tocou, fixando na mocidade.

Vós sois de todos os mais ditosos
Pois a poesia dorme convosco

No mesmo leito, no mesmo sono

Na mesma aurora que não se acaba.

ANTONIO DE BRITO ALVES



FILOSOFIAS — E' tão indigno pensar com a filosofia de outro homem como usar a roupa deixada por outro homem. Que Brown seja um brownista e Robinson um robinsoniano. Não convém que troquem suas filosofias ou que um dêles lance suas vestes já imprestáveis sobre John o qual prefere andar metafisicamente nú. Uma vez que os homens comecem a compreender isso de maneira geral, o mundo será um mundo mais rico, mais honesto e mais agradável também.

Havelock Ellis

GILBERTO FREIRE E A SOCIOLOGIA PSICOLOGICA

Existe uma sociologia especial, nos nossos dias, denominada **sociologia psicológica**, ciência cuja zona de jurisdição se estabelece entre as fronteiras da sociologia com a psicologia, zona ignorada pela sociologia tradicional, pois que esta operou com uniformidade, fazendo transplantações ilícitas, confundindo heterogeneidades e competências.

Não poucos sociólogos procuraram fundamentar as formas sociais nos "instintos", nos desejos e outras tendências biológicas, generalizando-se o critério instintivista, que, de certa maneira, mutilava a compreensão exata do social. Gilberto Freyre, na sua vigorosa crítica ao instintivismo, ao psicologismo, admite que os desejos se traduzem nas formas sociais, como desenvolvimento dos "instintos", "mas que esses desejos seriam condicionados pelas situações sociais ou pelo ambiente". O extremismo de Znamiecki, com seu "instintivismo", não explica o social no sentido de uma satisfação mais ou menos completa.

Tão pouco o faz o extremismo oposto de Dewey, que concebe serem as instituições as determinantes dos "Desejos". Ambos os extremismos são analisados argutamente pelo sociólogo brasileiro.

E' sabido que o comportamento do indivíduo social obedece à consciência do "status". Há uma tendência instintiva no sentido da ostentação desse "status", que se verifica em todos os indivíduos humanos, e esse fato constitui um ponto empolgante de estudo da sociologia psicológica.

O indivíduo social ostenta, então, situações diversas, como condições de satisfações psicológicas, tais sejam: idade, sexo, conhecimento... E' o uso de barbas abundantes, em certos espaços e tempos sociais, como indicando experiência, saber, ou respeitabilidade. E' o uso do monóculo, a atestar elegância, argúcia, aristocratismo. E' a ostentação de *limousine* pelos verdadeiros e falsos ricos, indicando também aristocratismo. E' o uso da bengala e do guarda-chuva,

principalmente pelos **Lords** ingleses, simbolizado em Chamberlain, como distinção de nobreza. E' o uso também da sífilis em certos meios brasileiros, que, como nos diz Gilberto Freyre, é "sinal de experiência donjuanesca *sans peur et sans reproche*".

Essas ostentações de "status" diferentes variam com o sexo e com a idade, e, principalmente, com as situações sociais e culturais. Assim é que o uso de brincos e broches, p.ex., é particularizado ao sexo feminino, se bem que alguns seres do sexo oposto se dêem também a êsse luxo. Da mesma maneira, há homens taciturnos, quando pobres, na mocidade, que se tornam, muitas vezes, na fase adulta, quando ricos, loquazes e expansivos, transbordando de energias. A teoria, pois, das "situações sociais" é que projeta mais luz sobre esse vasto campo social.

Gilberto Freyre salienta, a êsse respeito, que "a tendência entre os psicólogos é hoje no sentido de considerarem os chamados instintos gerais, reações específicas que ocorrem diante de situações específicas. Reações que nunca seriam rigorosamente iguais desde que tudo parece indicar que nenhum organismo animal é exatamente o mesmo quanto às suas condições físico-químicas em dois momentos ou em duas épocas diversas". (op. cit. p. 339).

A existência de uma psicologia diferencial, de uma psico-bio-tipologia, é aqui de uma importância muito grande para a sociologia psicológica, sabendo-se ainda, de acordo com Irwin Edman, já citado pelo pesquisador brasileiro, que o homem pode "aproveitar-se da experiência dos outros e ajustar-se á grande variedade e complexidade de situações".

Estudando o complexo *casa-grande-senzala*, o autor brasileiro mostrou o papel das relações sadistas-mazoquistas na sua manifestação, em toda a sua coloração sociopsicológica, fazendo magnífico trabalho de sociologia psicológica, sem mencionar a contribuição de sociologia

ecológica e de sociologia genético-histórica. E o mais importante de tudo isso, do resultado das suas indagações, é saber-se que êsse complexo ainda sobrevive no *ethos* brasileiro, penetrando-lhe à vida.

Os estudos de sociologia-psicológica demonstram perfeitamente, hoje em dia, a ingenuidade da pretensão puramente economicista, pretensão de dar relevância disforme ao "econômico", ao fator produção material, quando, na verdade, não há relevância nenhuma, avultando, apenas, o conjunto estrutural, a interação, que tudo explica, levando à compreensão da realidade social.

Sempre estivemos com o sociólogo patricio, nessa maneira de explicar o fato social, e vimos acompanhando, do campo filosófico, êsses ultimos avanços da sociologia. Não há, de nossa parte, a ingenuidade de querer meter à força o bergsonismo dentro do pensamento sociológico freyriano. Reconhecemo-lhe, apenas, a presença de espirito bergsoniano, espirito de liberação de qualquer prejuízo dogmatizante, o qual se caracteriza pela critica das idéias feitas, pela compreensão das situações cheias de he-

terogeneidades mais ou menos fortes por acampar na concretude dos fatos, fugindo dos esquemas gerais e unificadores, das abstrações viciosas, pela utilização, enfim, de métodos e técnicas diferentes, que levam a distinguir *natureza e cultura*, sem desprezar uma só, reconhecendo que a realidade humana é tecida de fios quantitativos, mas que há fibras, *caroços* qualitativos, os valores, que são im como prolongamento das coisas.

O "instintivismo" está superado na nova sociologia, que reconhece, como no autor de "Nordeste", que "as situações sociais em geral, e não apenas econômicas, em particular — agem sôbre as tendências instintivas do homem social quebrando-lhes a uniformidade de expressão".

O behaviorismo, reduzindo o comportamento do individuo social, também está superado. A psicanálise, por sua vez, perde cada vez mais o seu individualismo, socializando-se, concorrendo para o desenvolvimento da sociologia psicológica, justamente com a Psiquiatria e a Antropologia Cultural, condicionando as situações sociais os complexos psico-sociais.

S I L V I O D E M A C Ê D O



12

VIDA E MORTE — Vi a morte demasiadas vezes para dela dela ter receio, e todavia não desejo nenhuma espécie de morte. Desejo qualquer espécie de vida, enquanto possa tê-la. Embora estivesse torturada pela dor, acharia alguns momentos livres dignos de serem vividos. E sei que a a própria dor pode ser positivamente vivida.

Pearl S. Buck

Maria Nazareth, n.º 100

Maria Nazareth entre as bandeiras e os risos dos soldados,
E nós, a contemplá-la,
Quase como se escapasse
Na última viagem de um pensamento blindado de solidão
Bem sabemos quanto se faz triste a tua cabeleira,
Maria Nazareth.
Intranquila, mulher multitudinária,
Onde ficarão guardados os teus últimos suspiros?
Despertem-se os grandes fagotes enterrados,
Acordem-se, como ritmos desmanchados da tua cabeleira,
Os cancioneiros,
Os bêbados,
os clowns negros de suor, de poeira, de samba.
Maria Nazareth, sucumbiremos.
Que suportarão os homens sem a tua cabeleira?
E os ecos de teus olhos?
Nem uma brasa, ou
Um pequeno rubor de aurora,
(Estamos tão longe de tudo isso)
Conseguirá guardar os ecos de teus olhos?
Maria Nazareth, como pensar sem morrer?
Quase fugir dos olhos do vigilante,
Talvez sombra,
Talvez cornetim,
Talvez a mansidão das águas do córrego.
Negro, negro,
Maria Nazareth, como é negro!

JOSÉ LAURENIO DE MELO

CONSTITUIÇÃO E REVOLUÇÃO

O conceito da revolução é dos mais discutidos no campo da sociologia e do direito constitucional, e tem evidentemente uma estrutura complexa. É um conceito sociológico e total, que se pode realizar, porém, individualmente, nas diversas dimensões da vida sócio-cultural, ou generalizar-se em toda a estrutura social, dinamitando totalmente as suas ideologias e condições econômicas.

Alguns sociólogos modernos, a exemplo de Ross, Laun e Vierkandt acentuam predominantemente o elemento político do processus revolucionário. Ross refere-se apenas a uma mudança abrupta do centro de dominação. Laun vislumbra a sua realização como a mudança repetida de repartição do poder do Estado, mudança resultante de um movimento de massas, por meio de ameaças ou do emprego da violência. E Vierkandt assim doutrina: a essência da revolução consiste em uma subita e variável transição de uma situação política total a outra, especialmente de uma ordem ou sistema de direito público e outro... em uma instantânea repartição e distribuição do poder. (1)

O conceito central para o sociólogo é, porém, a mudança da estrutura estratificada da sociedade pela revolução. Com respeito à estratificação social, a mesma escala de camadas é sim: o processo revolucionário dá-se (nessa esfera) de tal forma que, dentro dos estratos existentes, se efetua uma diferenciação devido à qual esses estratos são desintegrados e, em seguida, reintegrados de maneira diferente. (2)

A composição das camadas sociais sofre uma transmutação profunda, não só em sua estruturação total, mas também na própria dimensão política, com a alteração incisiva do corpo governamental. Por isso mesmo acentua elegantemente Cecil Headrick: "A social revolution is a thoroughgoing revamping of the constellations of power, prestige and

privilege in a society, wherein the upper orders are almost completely dislodged from dominance and control". (3)

As revoluções, como bem discrimina L. L. Bernard no seu "Social Control", usualmente se distinguem em revoluções políticas, sociais, econômicas, religiosas, morais, estéticas, e outras que tais. Elas diferem grandemente umas das outras pelos seus detalhes. A revolução política apela para a força como um meio de consecução do seu objetivo, e a emprega em última instância para realizar a transformação social desejada.

As causas das revoluções, tão bem perquiridas pelos sociólogos, como Sorokin, Oldenburg, Timasheff, L. L. Bernard, Geiger, Ellwood, J. F. Brown, Meusel, Povina, Orgaz, são complexas e correspondem a determinadas circunstâncias de tempo, lugar e povo.

Talvez sempre, como geralmente se supõe, as causas principais são econômicas, e quase sempre as revoluções modernas promanam de alguns problemas derivados da distribuição das riquezas, desigualdade dos privilégios econômicos, controle dos recursos econômicos, comerciais ou financeiros, ou ainda dos direitos políticos e sociais, e ainda dos privilégios condicionados por essa situa-

1. A. Vierkandt, Zur der Revolution, in Schmollers, Jhr., XLVI, 1922, p. 325-47 e Das Wesen der Revolution, Deutsche Gesells. f. Soziol., Schriften, 1.^a e., Tuebingen, 1923, III. — Constantine Panunzio, Major Social Institutions, New-York, 1945, p. 556. Emory S. Bogardus, Sociology, New-York, 1941, p. 482. — L. L. Bernard, Social Control in Its Sociological Aspects, New-York, 1939, pp. 337 s.
2. Th. Geiger, Revolution, in Handwoerterbuch d. Soziologie, Stuttgart, 1931, p. 516: "Das Kernproblem der Revolution fuer den Soziologen ist die Veraenderung der Schichtstruktur der Gesellschaft in der Revolution".
3. H. Fairchild, Dictionary of Sociologists, New-York, 1944.

ção econômica. Muito menos frequentemente são considerações primárias de interesses dinásticos, conquanto que tais causas não devam ser negligenciadas sob o ponto de vista histórico. A maioria das revoluções pode provavelmente ser explanada em termos da fórmula conveniente "conflito de classes". Porém, a traz desses conflitos abertos subjazem várias condições psico-sociais e tensões que acompanham as revoluções. (4)

Por isso mesmo, Sorokin, na sua "Sociology of Revolution" (p. 367), acompanhado de Constantine Panunzio, infere que "a causa imediata da revolução é sempre o crescimento da repressão dos instintos principais da maioria da sociedade, e a impossibilidade de obter para esses instintos o mínimo necessário de satisfação".

Dai se pode aduzir a existência de um direito do povo de resistência à opressão imposta pelos regimes autocráticos, ou contra as democracias transviadas do seu justo caminho, para a consecução desse mínimo necessário de satisfação econômica e cultural. Disso evidentemente resulta uma suspensão da supremacia da constituição em proveito dos governados pela resistência à opressão.

Segundo Barthélemy e Duez, a teoria da resistência aos atos ilegais ou injustos da autoridade foi construída na antiga França paralelamente à doutrina do princípio democrático. Teria sido a obra dos teólogos católicos, dos protestantes e dos adeptos da Liga nos momentos da guerra da religião, de Jurieu e enfim dos filósofos do século XVIII.

Essa opinião merece uma certa correção, uma vez que já o teólogo napolitano São Tomás de Aquino, no seu "De regimine principum", e o monge alemão Manegoldus de Lautenbach, no "Ad Gebhardum Liber", sopesavam com grande argúcia os princípios da legitimidade ética e do direito das revoluções, relegando assim a um segundo plano essa primazia histórica conferida ao povo francês.

Em alguns doutrinadores essa concepção é levada ao extremo, a exemplo de Boucher, no "De junta abdicatione Henrici III" (1589), e de Mariana, no seu "De rege et regis institutione" (1603). São os pruridos extremistas da novel teoria.

Essa orientação recebe, porém, a sua precisão conceitual, e em linhas modernas, no pensador inglês Locke, no seu famoso ensaio sobre o governo civil, quando se refere ao "princípio do direito misterioso das revoluções". Ele assim se expressa: "O povo, ao mudar o poder legislativo, constroe a mais poderosa muralha contra a rebelião, pois os verdadeiros rebeldes são os que violam a lei", dessa maneira escudando com um formoso broquel o direito popular da revolução contra os abusos do executivo e do legislativo nas suas violações da legalidade.

Sob o ponto de vista estritamente positivo, é o direito constitucional francês que primeiro compendia o direito de resistência à opressão no grupo dos direitos individuais, assim estatuinto no art. 2.º da "Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão" de 26 de Agosto de 1789: "Le but de toute association politique est la conservation des droits naturels et imprescriptibles de l'Homme. Ces droits sont la liberté, la propriété, la sûreté et la résistance à l'oppression".

Disposições análogas reaparecem no art. 35 da Declaração de Direitos de 1793, ainda na França, afirmando incisivamente "Quand le gouvernement viole les droits du peuple, l'insurrection est pour le peuple et pour chaque portion du peuple, le plus sacré des droits et le plus indispensable des devoirs". Depois dessa época, o mesmo direito à revolução reaparece veladamente na constituição francesa de 14 de Janeiro de 1852, no senatus-consulto de 21 de Maio de 1870, para em seguida apagar-se completamente dos seus novos textos legislativos e constitucionais.

4. L. L. Bernard, o.c., p. 338 — P. A. Sorokin, *Sociology of Revolution*, Philadelphia, 1923, pp. 367 s. e *Social and Cultural Dynamics*, 1937, III, pp. 383 s. — Henrey Pratt Fairchild, no *Dictionary of Sociol.* (cit.), p. 259 — A. Povina, *La Sociologia de la Revolución*, Córdoba, 1933, p. 95 — Raul Orgaz, *La Ciencia Social Contemporanea*, Buenos Aires, 1932, pp. 117 s. — Meusel, *Revolution and Counter-Revolution* in *E.S.S.* 1935, XIII, pp. 367-75. — Kurt Bloch, *Zur Soziologie der modernen Revolutionen*, in *Wirtschaft und Gesellschaft*, Festschrift fuer F. Oppenheimer, Frankfurt, 1924, pp. 386-97. — W. Petzet, *Die Paradoxie des Revolutionäers*, in *Soziologischen Studien*, Potsdam, 1930, pp. 164-73. — Cf. Cleodon Fonseca, *Introdução à Psicologia Coletiva*, Rio, 1940.

Seria pois oportuno examinar a ligeiros traços o alcance da revolução popular nos textos constitucionais, os abalos que provoca na estrutura jurídica de Estados, e o conteúdo de legitimidade ou de legalidade que ela comporta.

Dois doutrinas antagônicas se degladiam na arena política no concernente ao problema, que se tornou fundamental, depois dos novos rumos tomados pelo constitucionalismo russo.

A primeira orientação, própria dos autores demoliberais, é resumida brilhantemente por Barthélemy e Duez, no seu "Traité Élémentaire de Droit Constitutionnel" (pp. 243 s.), sustentando que a teoria da resistência à opressão é uma teoria política, e não jurídica. Ela interessa uma categoria extra-jurídica; o simples apelo à força não se enquadra no âmbito do direito. Não há direito natural de resistência, mas somente fatos de resistência, que poderão aparecer, sob certas condições, politicamente legítimos. Na verdade, argumentam os dois ilustres juristas nov-latinos, uma constituição não pode, de antemão, organizar a revolução e o recurso extra-jurídico à força.

Nova tendência cristaliza-se no constitucionalismo russo, simbolizada pelo princípio da legalidade revolucionária (Prinzip der revolutionären Gesetzmässigkeit) dos juristas soviéticos Archipov e Jelistratov. Os mais eminentes juristas russos, além dos mencionados, tais como Goichbarg, Grilenko, Stutchka, Rappoport, Malitzky, Jakhontov, Diablo e outros, consagram esse novo princípio do direito público nascente do século XX.

Nesse sentido ensina o prof. Archipov: "Das Prinzip der revolutionären Gesetzmässigkeit bedeutet materiell, dass die untergeordneten Organe der Verwaltung zur Ausführung der Anordnungen der uebergeordneten verpfli-

chtet sind, ungeachtet dessen, ob die Anordnung eine normative oder individuelle ist; diese Behörde ist dann ihrerseits befugt, noch niedriger stehende Staatsorgane und die Bürger auf dieselbe Weise zu verbinden".

Jelistratov também argumenta que, nos tempos da revolução, um código significa espiritualmente na sua essência tanto quanto um decreto: "In revolutionszeiten ist ein Kodex im wesentlichen dasselbe wie ein Dekret". E esclarece que a legalidade revolucionária expressa apenas uma abrangedora flexibilidade das normas (eine weitgehende Biegsamkeit der Normen), uma apreciação livre dos interesses proletários numa maior liberdade diante da escravização imposta pelas regras legais.

Já Stutchka, no seu famoso "Die Revolutionäre Rolle von Recht und Staat", acentua como as leis soviéticas são puras instruções técnicas, ao escrever: "Die Sovetgesetze sind bloss technische Instruktionen, aus welchen nur die allgemeinsten Bestimmungen wirklich bindend sind. Handelt es sich um Prozessnormen, um den Postoder Telegraphendienst, oder schliesslich um Ackerbau oder Bienenzucht in den Sovetbe trieben — die Verbindlichkeit der Normen bleibt immer nur eine relative".

Goichbarg avança mais ameaçadoramente na sua análise, pretendendo que o interesse proletário da camada trabalhadora condiciona todas as manifestações de ordem jurídica. Eis as suas elucidações: "Kann die Klasse, welche das Ideal der gesellschaftlichen Organisation in der Regelung der Wirtschaft, die einfachen Redewendungen nicht gehorcht und direkte Einwirkung fordert, sieht, die ganze Wucht des revolutionären Schwunges auf den Schutz der Gesetzmässigkeit, auf die Herrschaft der absoluten Norm zuwenden? Gewiss nicht".

Krilenko, procurador da república, afirmava por isso mesmo que a atividade dos órgãos da justiça tem uma finalidade única, a saber o interesse da massa trabalhadora: "Die Interessen der Arbeitenden bilden den Zielpunkt der Tätigkeit unserer Gerichte".

Em resumo, como já sintetizavam Alexejev e Timasheff, no trabalho "Rechtsbildung und Rechtsverwirklichung", o "direito do Estado soviético, segundo o conceito dos seus ideólogos, deve nascer da fonte imediata da consciência revolucionária, à qual seja completamente estranha a ligação com quaisquer modelos tradicionais". (5)

Esse critério do interesse da massa trabalhadora, predominando na realização de um novo direito, contrário às pretensões conservadoras da classe burguesa, foi constantemente realizado pelos tribunais russos post-revolucionários. A "Ezenedelnik Sovetskoj Justicii", ou "Semanário da Justiça Soviética", tem mostrado a amplitude do princípio da legalidade revolucionária, que abrange tudo que venha a ser exigido pela consciência revolucionária do proletariado.

Aqui vão algumas das suas decisões: "A legalidade revolucionária consiste em que nossas leis estão intimamente ligadas à vida, de tal modo que coincidem com as exigências da consciência revolucionária e dos interesses da classe dos proletários em geral". E noutra interpretação igualmente decisiva: "Nossa constituição está adaptada tanto ao rápido emprêgo de novas leis, como à sua rápida supressão, caso seja necessário".

Qual dessas duas concepções divergentes sobre a resistência à opressão dos governantes deve, então, ser adotada, a liberal-burguesa ou a soviética?

Em princípio, ambas são falhas, como ressaltava a uma análise mais aprofundada, resumindo e transluzindo interesses de classe na solução dos problemas sociais e econômicos.

A solução democrático-burguesa inerepa de ilegal o direito de revolução das massas trabalhadoras contra os privilégios capitalistas, quando na verdade usou desse direito de resistência à opressão no solapamento do ordenamento jurídico da realeza e da nobreza latifundiária em 1789.

Trata-se de uma solução de classe, da camada social burguesa que controlou o mecanismo político e jurídico-constitu-

cional do Estado, que funciona a mais ligeira pressão dos seus interesses, construindo a sua ideologia jurídica e moral para a satisfação dos mesmos. (6)

As oligarquias em regra sabem defender as posições em que se encastelam, já acentuava Joaquim Nabuco. Para tanto não lhes falta coragem. É mesmo uma das leis da psicologia política, ou da sociologia das revoluções, que as oligarquias, incrustadas nas suas posições oficiais de mando e de dominação, constituem um poder capaz de todos os extremos para se sustentar nos seus privilégios. Sómente pode ser desmantelada pelo direito misterioso das revoluções populares.

Além do mais, é um erro a afirmação de não ser essa resistência política à opressão dos governantes realmente um direito. Nas épocas revolucionárias da burguesia em luta ou colisão com o "antigo regime", o direito de resistência ou à revolução cristalizou-se mesmo como o "antigo regime", o direito de resistên-

5. N. N. Alexejev u. U. S. Timaschew, Rechtsbildung und Rechtsverwirklichung, in Das Recht Sowjetrussland, por vários autores, Tuebingen, 1925, p. 1. — Conrad Schmidt, Bolschewismus, in Handwoerterbuch der Rechtswissenschaften (cit.), 1924, II, pp. 994 s.: "Das politische Programm des Bolschewismus, das in der neuen russischen Verfassung durchgesetzt hat, ist von den Zweck diktiert, alle nichtproletarischen Schichten von der Einflussnahme auf die Gesetzgebung prinzipiell auszuschliessen, um so eine proletarische Diktatur (die aber bald zur Diktatur von kleinen Minderheiten und Parteiliquen werden musste) zu etablieren".

6. Conrad Bornhak, Genealogie der Verfassungen, Breslau, 1935, p. 29: "Tatsächlich war die Verfassung nach Ausgangspunkt und Inhalt eine reine Bourgeoisverfassung. Der aufstrebende Buergerstand lehnte sich auf gegen die ihn verletzenden Vorrechte des Adels und des Klerus, wollte sich aber auf der anderen Seite selbst neue Vorrechte schaffen. Die allgemeine Gleichheit sichert die Störung der Bourgeoisie gegenüber den bisher privilegierten Ständen der Census gegen neue von unter aufstrebende Klassen. So, hat sich die Vertretung des Tiers-état zur konstituierenden Nationalversammlung erklärt. Auch sicherte der Census die Herrschaft der Bourgeoisie fuer die Zukunft gegenüber neuen, von unten aufstrebenden Klassen. — Cf. Aulard, Politische Geschichte der franzoesischen Revolution, Muenchen-Leipzig, 1924, pp. 39 s.

cia ou á revolução cristalizou-se mesmo como um direito positivo nos textos constitucionais franceses. Era assim um direito positivo, cuja existência de maneira alguma poderia ser negada.

Hoje, nas lutas revolucionárias do proletariado contra os monopolizadores do capital, novamente reaparece como um direito positivo no regime constitucional soviético, essa pretensão de resistência ao ordenamento social burguês. Devido ao que, o principio da legalidade revolucionária veio até a ser incorporado aos textos constitucionais russos, como é o caso occorrente no art. 43 da Constituição da U.R.S.S. de 6 de julho de 1923, assim formulado: "Para afirmar a legalidade revolucionária no território da União, se estabelece um Tribunal Supremo adstrito ao Comité Central Executivo da União das R. S. S."

E' bem de ver, pois, ser o direito de revolução defendido ou negado em consonancia aos interesses de classe, esposado pela burguesia na sua luta contra a nobreza e o antigo regime, que dêle se divorciou na sua colisão contra o proletariado. Do seu lado, as massas trabalhadoras o adotaram na sua revolução econômica do socialismo, denegando porém o direito de contra revolução á camada burguesa.

O direito constitucional soviético seria êle mesmo um instrumento ao serviço do "interesse de classe", ou ainda mais agudamente, como salientam Alexejew e Timascheff, dos "interesses e exigências dos grupos que estão por detrás do poder".

Por isso mesmo mostra um dos mais abalisados e comedidos juristas russos, Diabolo, que "a constituição soviética é inteiramente baseada sobre a conformidade aos objetivos revolucionários, a constituição soviética é apenas o total das conquistas da experiência da revolução proletária".

Em seguida ao comunismo militante e sistemático, com o recuo realizado pela NEP, no afastamento psicológico daquilo que Rapport chamava de comunismo de guerra (Kriegskommunismus), sobretudo após a promulgação do Código Civil Soviético (1 de janeiro de 1923), os estadistas russo procuraram realizar a consolidação jurídica do novo regime. Esse movimento culminou com a constituição democrática e socialista de 5 de De-

zembro de 1936, uma das mais formosas constituições modernas, que infelizmente ainda não foi posta em prática no seu conjunto, pelas circunstancias da guerra que avassalou o mundo em 1939, consagrando as novas conquistas proletárias. (7)

As soluções democrático-burguesa e proletária devem ser afastadas, devendo buscar-se no entremeio delas a solução justa de uma teoria mais aprimorada. Certo, existe incontestavelmente um direito de revolução, em principio consignado como um direito natural, que, por vezes se transmuda em direito positivo, si concretizado nos textos constitucionais.

A revolução em si, e as suas consequências, provocam abalos profundos na estrutura das sociedades, podendo levá-las á desintegração e á anarquia, ou quando menos, requerem um longo tempo de recuperação econômica e social, para o posterior reajustamento coletivo. Isso pressuposto, numa consideração jurídica imparcial, devem-se exigir certos requisitos liminares, ou, como dizia Tomás de Aquino, condições éticas de legitimidade das revoluções.

O sábio teólogo medieval assim sintetizava essas condições, no seu "De regimine principum": a) a existência de um excesso de absolutismo, tirania ou ditadura, o "excessus tyrannidis"; b) a liderança do processo revolucionário por um chefe designado pelo direito popular, ou "jus multitudinis"; c) qualidades morais e espirituais do povo, que, pelo seu amor á virtude, se torne digno da liberdade, segundo o preceito "tolenda est igitur culpa, ut cesset tyrannorum plaga".

-
7. N. Timascheff, Grundzuege des Sowjettrussischen Staatsrecht, Breslau, 1925. L. Zaltzeff, Die Verfassungsentwicklung in Russland seit dem Sturz des Zarisismus, uebin 1922, assim, e o seu Russisches Recht, no Hwb. der Rechtswissenschaften (cit.), 1923, V., pp. 183-204. — Anatol Rappoport, Die Marxistische Rechtsauffassung, Riga, 1927, p. 29. — Walter Gurlan, Der Bolschewismus, 1931, p. 191. — B. Ellachevitch, B. Boris Ulde T. Tager e outros, Traité de Droit Civil et Commercial des Soviets, Lib. Gen. de Droit et Jurisp., 1930, L., pp. 57 s. — Sawadsky, Buergerliches Recht, in Das Recht Sowjetsrussland (cit.), p. 148. — A. Grabowsky, Bolschewismus, no Hanswoerterbuch der Soziologie, Stuttgart, 1931, pp. 81-90.

Em remate, deve-se afirmar a legalidade e legitimidade das revoluções, o direito do povo de retomar o poder estatal, o seu dever mesmo de realizar a revolução para a reconquista do poder, afim de que este corresponda aos sentimentos de direito e justiça autônomos dos componentes do grupo social.

Por isso mesmo, as diversas legislações e os tribunais aplicadores dos seus dispositivos, bem refletem esas imposições sociais do direito à revolução, consignando os seguintes princípios: 1.^o) — a resistência passiva, sem violência, é um fato autorizado, que não pode ser punida como delito especial; 2.^o) — a resistência defensiva, com violência, é em toda parte punida (crime ou delito de rebelião), caso o ato executado pelos agentes vítimas da violência seja legal, regular; 3.^o) — a legitimidade da resistência defensiva aos atos ilegais e inconstitucionais da autoridade é implicitamente consagrada, admitindo porém um sistema variado de apreciação. (8)

Nessa ultima situação, dois pontos de

vista são adotados, diferentes pelo seu grau empirico de apreciação: a) na "concepção autoritária", o cidadão deve primeiro obedecer, e em seguida reclamar contra o ato ilegal recorrendo á justiça; b) na "concepção liberal", a ilegalidade ou inconstitucionalidade do ato apaga o caráter delituoso da resistência violenta, e o individuo que resista não é, em certas condições, punível. (9)

Finalizando essas meditações, poder-se-ia concluir com Victor de Broglie, reconhecendo essa possibilidade da revolução ou da resistência á tirania e despotismo, como um "direito delicado e terrível, que dorme ao pé de todas as instituições humanas, na qualidade de sua ultima e triste garantia".

8 e 9. Nesse sentido a brilhante exposição de Barthelemy e Duez, o.c.p. 244. — Stier-Somlo, *Evolutiva*, no *Hub. d. Rechtswissenschaften* (cit.), V. pp. 123-6. — Felipe Ramirez, *Derecho Constitucional Mexicano*, México, 1944. p. 83-4.

P I N T O F E R R E I R A



EDUCAÇÃO — A educação deve visar tornar o individuo tão livre quanto possível da adesão automática ao grupo no qual ele nasceu ou ao qual foi levado pela pressão social.

Franz Boas

P O E M A

Tempo houve
Em que a palavra Morte
Era como um eco distante.
De Morte é agora
O gosto que tenho
No meio da boca
E o cheiro que me entra pelo nariz
E o silêncio que me enche os ouvidos.
Que faço entre os vivos
Se entre os mortos estão
Aqueles que amo?
Serão tão pesadas as cortinas
Que cerram a Estreita Porta?
Meu peito anseia pela verdade
Que há de existir do outro lado.
Ó Morte!
Por meio de ti
Irei conhecer a Mãe
E conversar com o Amigo.

L U C I L O V A R E J Ã O F I L H O

UM POUCO DE GIRIA MILITAR

O estágio no corpo de tropa, como soldado, foi o único acontecimento realmente “diferente” de minha vida. Diferente e fecundo. Êle me beneficiou mais do que o Seminário Católico de Garanhuns, do que o curso de humanidades, do que a Faculdade de Direito do Recife. No Exército, se não aprendi a omear a Pátria sobre tôdas as cousas, eduquei-me, entretanto, no conhecimento dos homens e do mundo. Devo a êle, essa oportunidade que me identificou com a vida. Os sacrifícios que me obrigaram a fazer durante todo êsse tempo de convocação fôram compensados, generosamente compensados, pela experiência humana que eu adquirir. O verde oliva foi a verdadeira água lustral que me tornou outro. Sinto-me outro, inteiramente liberto de certos ideais inconsistentes, de êrros que não eram só meus porque pertenciam a todos nós, bons filhos de família, que conhecíamos o mundo pelo testemunho dos mais velhos. O mundo modificou-se profundamente e os velhos continuaram com os mesmos pensamentos, agarrados aos mesmos preconceitos morais de seu tempo. Eles não querem se conformar com a revolução que a bomba atômica causou na ciência da guerra e insistem em ficar de trabuco em punho, aguardando a passagem do inimigo, emboscados na mata. O Exército veio me revelar, ou melhor, veio “nos” revelar uma nova fisionomia da paisagem humana. Nós, hoje, pensamos e cremos em função dela. Quando me sobrar

tempo e me der vontade, irei descombrindo, para os que não foram á caserna, vários aspectos de seu interior. Hoje, mostrarei a língua que falávamos lá, a gíria militar que os convocados ensinaram às suas namoradas, aos seus amigos, ao povo que ficou fóra, aguardando o primeiro chamado. São palavras pitorescas, nascidas ou muito empregadas lá, as que me lembro bem e ficaram guardadas na memória já cheia de tanta coisa.

Êste trabalho será muito simples, labor mais do coração do que da inteligência. Esforcei-me torna-lo o mais completo possível, o mais honesto possível. Nenhum termo foi inventado. Nenhum significado foi deturpado. Procurei ilustra-lo com os exemplos mais característicos que encontrei na tropa. Se um soldado da 2.^a Companhia Independente de Guardas, no Recife, ignorar um desses têrmos, é preciso não esquecer de que estive também em outras unidades. E em outros quartéis, novas gírias enriqueceram meus apontamentos. Apontamentos que eu apresento, agora, em ordem alfabética, e movido de uma saudade medonha de meus camaradas de farda que se perderam no mundo sem fim.

*

* *

ABAFADO — vencido, surpreso: “Fiquei abafado com você”.

ABILOLADO — imbecil, amalucado, sem saber o que fazer. “O cabo ficou abilolado com a fuga do desertor.”

ALIVIAR — roubar, tirar do companheiro, adquirir ilicitamente. "O 27 aliviou a perneira do recruta."

ALTERAÇÃO — ato de indisciplina, anormalidade na vida da caserna, infração do regulamento. "Cabo 3435, Dutra; serviço sem alteração!"

ALTERADO — o que altera, o que se disciplina. "O cavalo do comandante é um animal muito alterado."

ANJO — o que é ou se faz de inocente, de ignorante quando escalado para realizar um serviço. "Você, aí, com essa cara de anjo."

ANTIGO — soldado velho, que conhece todos os processos de se livrar do serviço, o que explora a inexperiência dos recrutas. "Soldado antigo não se aperta."

ANTIGUIDADE — caráter do que é antigo, ou tempo de serviço para determinação de comando. "Deixa de antiguidade, velho! Foi promovido por antiguidade."

ANTI-TÓXICO — chá distribuído aos praças, após as grandes refeições. "Se não fosse esse anti-tóxico, a chêpa nos mataria."

APAISANADO — militar com modos de civil. "Esse tenente é um apaisonado".

AR DE DOIDO — nervoso, maluco, preocupado. "O enfermeiro ficou com ar de doído, quando o doente chegou".

ASPIRINA — aspirante a oficial formado pelos C.P.O.R. "O aspirina deu fora com o toque de revista."

ATOLAR O CARRO — errar irremediavelmente, estragar, não prestar mais para nada, complicar-se. "O preso que fugiu, atolou o carro do sargento."

BAFA — barulho, briga, discussão. "Houve um bafa danado, na hora do rancho".

BALANÇA — tipo adulator, servil, flexível a todos os superiores, desfeito em contínuas. "Oséas é o maler balança da 7.ª Região."

BARREIRA — certo, exato, entendido, competente. "O sargenteante é um cabra barreira."

BATRAQUIO — expressão muito em voga nos tiros de guerra, para denominar os atiradores moles e errados. "Seu batráquio, tome uma posição correta!"

BLOCO — turma, grupo, empregados, de um mesmo serviço "Esse bloco é errado!"

BCCA DE SIRÍ — pedido ou ordem de guardar silêncio sobre um assunto ou uma ocorrência. "Eu aliviei um cobremira; mas.. boca de sirí".

CABOBA — cana, aguardente, bebida alcoólica forte. "Houve uma caboba feroz no dia do licenciamento."

CAMOFA — ato de subtrair especialmente gêneros alimentícios. "Essa camofa termina em I.P.M. (Inquerito policial militar)."

CAMOFEIRO — o que faz camofas. "O cabo do rancho é um grande camofeiro."

CAXIADA — atitude severa em executar uma ordem, interpretação literal do regulamento. "Larga de caxiada, que ninguém aqui é recruta."

CAXIAS — cumpridor exato de regulamento, intransigente, superior exigente, aborrecido. "E' só quem é Caxias!"

CARNE DE GALO — ruim, perverso, mau, perseguidor. "O comandante geral do acampamento é um carne de galo."

CESSADOR — o que foge dos serviços, da instrução, do quartel ou acampamento. "Recruta, e já cessador".

CESSAR — abandonar o trabalho, ir-se do quartel, ausentar-se sem consentimento. "Esta noite, vou cessar do acampamento".

CHÁA DE BURRO — munguzá, iguaria de milho muito conhecida no nordeste. "Hoje, temos chá de burro no café."

CHARLAR DE GRANDE — dominar, ser o tal, conquistar as simpatias. "Charlei de grande, na casa de Antonilêta".

CHÊPA — toda e qualquer alimentação dos soldados, distribuída no quartel. "A Chêpa não te espera, bujão."

CHÊPAR — servir-se de alimentos no quartel. "Quem não chêpar à hora marcada, deixar de chêpar."

CHEPEIRO — soldado que nunca dispensa a comida do quartel, que à aproximação da hora da refeição já tem em mãos os utensílios da boca. "Todo soldado acampado tem de ser chepeiro."

COMANDOS ATACAM DE MADRUGADA (os) — senha que os soldados uzavam frequentemente no acampamento do engenho Aldela, quando queria fugir.

CRENTE — superior que obedece ao regulamento como se fosse um oráculo sagrado. "Quasi todo sujeito crente, é burro."

CRIADO COM VÓ — soldado tímido, convocado recém-chegado ao quartel, medroso, bem comportado, agraupinado. "Esse recruta não toma caboba, não; foi criado com vó."

CHUPAR O OLHO — castigar, punir, dá parte enrascar a subalterno. "Eu chupo o olho de quem sair de forma."

DA MÁ PRA DENTRO — expressão bastante empregado para comentar o péssimo comportamento de um militar. "Cosme está da má pra dentro."

DA QUE INCHA — aguardente, caboba, cana. "Ele tomou da que incha."

DAR MURRO — trabalhar no pesado, fazer faxina. "O 31.º B.C., quasi que se acabava de dar murro em Fernando."

DAR O PIRA — cessar, esquivar-se do serviço, fugir do quartel. "Vamos dar o pira, negrada."

DEFEZA — apossar-se ilicitamente de um bem de outro ou do exército, levar vantagem em um negócio, bancar antiguidade. "Eu fiz minha defeza na reserva do Sub."

DE LAPADA — em conjunto, de vez, sem dar satisfação. "A turma saiu de lapada. O sargento está faltando de lapada."

DESAPERTAR — roubar, aliviar, tirar sem consentimento, apoderar-se ilicitamente. "Desapertaram minha manta."

DEU DENTRO — Acertar, executar com precisão. "A secção de morteiros deu dentro nas manobras."

DONO DO RANCHO — o encarregado da cozinha, o que assume ares de senhor, o que zela pelos gêneros, pelo material, como se fosse seu. "Tu queres ser bem o dono do rancho."

DORME DE TOUCA — ingênuo, abillolado, imbecil, tolo. "Vamos cessar, que o oficial de dia dorme de touca."

EM FORMA DE FLÔR — bonito, elegante alinhado, decente, limpo. "Seu cabo, está em forma de flôr."

ENQUADRADO — dentro do regulamento, correto, disciplinado, impecável. "É um sujeito até camarada; mas enquadrado que só êle!"

ENQUADRAR — corrigir, situar a falta dentro dos artigos do regulamento disciplinar. "O sargento enquadrou-o direitinho."

ENROLADO — enrascado, complicado, sem defesa. "O estafeta que perdeu a correspondência do comando, está enrolado."

ERRADO — militar sem competência de suas funções, empregado ignorante de seu serviço. "O furriel da companhia de Metralhadoras é um errado."

ESCREVER NAS COSTAS — comunicar por escrito uma falta ao comandante, dar parte "O Subtenente disse que ia escrever nas tuas costas, um soneto de Bilac."

FAZER A PISTA — ir-se embora, sair antes da hora permitida; ausentar-se por determinação própria. "Muito antes do toque de ordem, o comandante fez a pista."

FAZER OMBRO ARMA — retirar sem consentimento do dono algum objeto de uso particular ou pertencente à Fazenda Nacional. "Fizeram ombro arma no meu cantil."

FOLGADO — displicente do cumprimento dos deveres, relaxado na execução das ordens recebidas, desinteressado na prática dos regulamentos, principalmente do de continências. "Você está muito folgado, velho! Tome posição de sentido direito."

FOLGAR — ter direito a descanso, não estar de serviço. "O 1.º pelotão está de folga hoje."

GALHO — dificuldade inesperada, consequência de trabalho mal feito, erro por motivo de ordem mal entendida ou transmitida imprecisamente. "Velho, êsse trabalho teu val dar em galho, na certa."

GATO — mulher de costumes livres, mas que não exerce publicamente o meretrício. "A dona da pensão encontrou um gato no quarto do corneteiro."

GENERINO — apelido com que os pracinhas costumam designar os oficiais-generais. "Chegou o generino".

GORORÓBA — alimento do quartel. "Nem cachorro aguenta a gororóba de hoje."

GLORIOSO — tratamento de entusiasmo ou ironia que os pracinhas usam para designar o exército. "Isso é o glorioso, menino. Um dia, eu termino desertando desse glorioso."

GRANADA — pão que se distribue no quartel. "Com essa granada eu derrubo qualquer gigante."

GRAVATA — encaixe no mecanismo de uma arma que sucede por inhabilidade dos recrutas ou por proposito dos antigos para preocupa-los. "Foi preciso o armeiro para tirar a gravata da metralhadora."

IGUAL — camarada de caráter, que não tem duas caras, sempre o mesmo em todos os momentos. "É o tenente mais igual que tem nessa Companhia."

JEGUE — relaxado, descuidado no seu uniforme, com farda sem recortes. "Mamãe, lá vem um jegue! — Não é o cabo Pinho, meu filho."

MURRO — trabalho pesado, manual, cansativo. "Em Aldela, houve o murro maior que já se deu na 7.^a Região."

MA CONDUTA — militar indisciplinado, que tem o comportamento péssimo, inimigo dos regulamentos. "O má conduta, muitas vezes, pode ser um sujeito digno."

MALOQUEIRO — soldado que vive na barraca, quando em acampamento, sem tomar conhecimento dos toques de serviço, de instrução. "Sargento de dia, bote esses maloqueiros para fora das barracas."

MEGANHA — soldados da força policial do estado. "A meganha de João Pessoa tem uma farda alinhada."

NA PRETA — na má conduta, no comportamento mau. "Seu cabo chegou ontem, e já está na preta."

NAO FUNCIONA — ineficiente, burocracia morosa. "A secretaria do regimento não funciona."

PAGAR — distribuir com os soldados material do exército em tempo regulamentar. "O Sub-tenente pagou o meu material de acampamento."

PARASITA DA NAÇÃO — apelido dos oficiais na tropa, qualificativo que corresponde à música do toque de oficial.

PEGAR A RETA — ir-se embora, fugir, fazer a pista, viajar. "O destacamento precursor pegou a reta."

PEIXE — boato, mentira intencional, notícia duvidosa. "Peguei um peixe enorme. O Sub estava falando numa jornada..."

PEIXEIRO — o que espalha boatos, o divulgador de notícias duvidosas. "O brigada é peixeiro."

PUA — castigo, detimento, punição, cadeia. "O furripa entrou na pua. Passo-lhe a pua."

PULADOR — o que evita serviço, o que se esculva do trabalho. "Vamos ser pulador; mas assim é demais."

PULAR — livrar-se do serviço, esquivar-se das obrigações. "Por mais cuidado que tivesse, o 35 pulou sempre."

PUXA SACO — bajulador, corta jaca, sujeito antipático pelas suas servilidades. "Nunca vi tão puxa saco!"

QUEBRAR O GALHO — resolver uma dificuldade, anular uma punição, evitar um "caso". "Sen tenente, vá quebrar êsse galho."

QUEIMAR — faltar, ausentar-se sem consentimento. "O cabo de dia queimou a revista."

RECORTADO, alinhado, bem vestido, com o uniforme limpo e espelhante. "O enfermeiro é o cabo mais recortado do Batalhão."

RECRUTA — soldado novo, sem antiguidade, desajeitado no cumprimento dos serviços militares, tímido no comandar. "Tão velho e ainda recruta."

RISQUE — cumpridor exigente dos regulamentos, caxias, assombrado. "Sujeito risque danado!"

SALAFRA — ordinário, sem concheito, capaz de tôdas as balquezas, arbitrário, desabusado. "Salafra não é "privilégio" de soldado, não."

SE VIRAR — folgar por ordem oral, sentimento particular sem responsabilidade do mandante, em caso de complicações. "Se vire; mas se a patrulha pegar eu não sei de nada."

SOBRAR — ser demais, intrometer-se. "Cai fora; tás sobrando."

TAS CONVERSANDO — expressão que traduz um sentimento de dúvida naquele que recebe uma notícia, muito boa ou desagradável. "Tás conversando! Eu não estava nem de serviço."

TE'GUENTA — esperar com paciência, acalmar-se. "Te'guenta, eu vou quebrar o galho."

TIRAR CURSO DE LEAO — ser valente, gritalhão, macho. "O comandante, hoje, tirou curso de leão; nem vá."

TRABALHANDO MAL — ineficientemente, sem atenção, com relaxamento proposital ou não. "O bloco anda trabalhando mal. Dispensa vem aí!..."

TRAQUEJADO — bem conhecido nos regulamentos, competente, disciplinado. "O ordenança é um cabra traquejado."

TRAQUEJAR — obrigar um praça ao cumprimento dos regulamentos, ensiná-lo como castigo. "Eu lhe traquejo, praça!"

VELHO — tratamento comum para os cabos, maneira que alguns superiores usam para tratar os soldados. "Cabo velho. Vem cá, velho!"

VIUVA — a pátria, a fazenda nacional. "Gastá, que é da viúva."

CHIQUEIRO — xadrez muito em voga no acampamento de Aldéa, curral de madeira, descoberto, ao relento, onde se mete os indisciplinados. "Meto-lhe no chiqueiro."

GUERRA DE HOLANDA



AS QUATRO LIBERDADES — Nos dias futuros teremos os olhos fitos nas quatro liberdades humanas essenciais: a liberdade de palavra e expressão em qualquer parte; a liberdade de tôdas as pessoas e o direito de adorar a Deus a seu modo, em qualquer lugar; a liberdade de privação; e liberdade de temor.

Roosevelt

ENCONTRO

*Morto, acharam-no as mulheres,
À beira da pura aguada,
O corpo jovem pendente
Da ramada ribeirinha
Que formosa, imensa sébe
Cheia de cores variadas;
A água limpa, silvestre,
Turva agora pelo sangue,
Tem lindos reflexos verdes,
E molha os negros caboclos
Cantando canções alegres,
Deslizam pelo riacho
Açucenas côr de leite,
E o sangue dourado-rubro,
O sangue vermelho e quente.*

*Um rapaz assobiando,
Vem aplacar sua sede
No sítio onde jaz o corpo;
Avistando o adolescente
Deriva riacho-acima,
E uma mulker lhe revende
Um lindo alquidar de barro
De cores claras, luzentes,
Enquanto serafins alvos,
Tangendo liras celestes,
Cantam puríssimos salmos
No ar claro e transparente.*

(Do poema "Os Guabirabas")

ARIANO VILAR SUASSUNA



F U G A

Cerra os olhos e esquece êsse tédio de deserto
porque uma candeia veio
e fez luz no teu mundo
e a noite não é tão retinta
no teu subterrâneo de estilo quadriculado
e o uivar da tempestade
não parece mais um roteiro de tragédia
porque os relâmpagos iluminam os caminhos perdidos.

Na perturbação do teu sonho de Vida
as crianças acenderão lanternas,
os mendigos não terão as mãos tão vãs,
as gaivotas deitarão ninhos em todos os quadrantes
e as suas asas não ficarão tintas de sangue,
os homens não matarão os homens
e a tua amargura não será tão amarga
porque a bem amada velará teu retiro.

Cerra os olhos e esquece
porque os bruxoleios da candeia
desenham ritmos
na fuga dos duendes
e as vozes falam que nas tuas horas sombrias
a música também será um encantamento.

Cerra os olhos e deixa a memória escutar
na agitação das sombras que se movem
o reflexo da angústia dos perdidos
porque bailará no teu último alento
essa dúvida que te fez o mendigo da fonte envenenada
e viverá sempre no teu sangue.

Cerra os olhos e ouve as violinadas suaves
do teu sonho de amor.

L U I S D E L U N A A L M E I D A

Reencontro com os Classicos

Conta-nos Dante, que, em sua viagem pelas ultimas moradas, encontrou no Inferno, um cielo luminoso, onde conviviaam os grandes vultos do Paganismo, por graça especial da Providência, em virtude da fama que deixaram.

Hoje, quando raros são os que os leem, não estarão eles temendo que Deus lhes tire a luz da glória afogando-os na angustia das trevas?

Advogo a causa dos clássicos.

Não se trata de imitá-los, nem se sonhe com o "el ingenioso hidalgo", em comprar uma lira e uma pele, para sair ao campo com "o mel dourado caindo das azinheiras".

Pretendo apenas afastar certos preconceitos que têm contribuido para o abandono gradativo dêles... "sempre novos na sua glória que envelhece cada vez mais".

E' o erro dos académicos do modernismo ou da antiguidade de colocar a questão nestes termos: ou isto ou aquilo, velhos ou novos.

Nenhuma coisa perde o valor por ser antiga; ao invés se é antiga tem em si mesma o testemunho das cousas eternas. Ganha-se a certeza de que se espicharam pelos séculos porque eram fruta seleta ou "mimo do céu".

Muito pior sem duvida rejeitar os modernos, porque negar a sua época é uma tremenda covardia.

A nossa formula é pois muito mais vantajosa: velhos e novos.

Outra preliminar, levantada contra tais autores, consiste numa certa suspeita contra a denominação: clássicos.

Saimos duma época em que os homens quizeram impor-se á custa de rótulos, de Dips. Após isso um gesto impulsivo nos

leva a rejeitar esses homens que aparecem assim envoltos em uma camada multi-secular de imposição na praça, como se diz em comércio.

E' a nossa liberdade de julgar que periga... são as nossas predileções que ameaçam escorregar... é a autoridade-tonelada dos criticos de todos os tempos abaixando a nossa cabeça...

Mas devemos ir a eles, não porque seja um dever, mas porque são belos.

Contudo, apesar de quasi não poder-mos parar no ritmo "allegro e troppissimo" de hoje, é-nos necessária uma preparação estética e psicológica para a sua compreensão. Não que sejam difíceis. São os mais fáceis, opinam os estetas. Na sub-estrutura são apenas um conjunto de imagens; advindo-lhe daí esta aptidão para a tela, que, Odilon Nestor salientou, certa vez, no *Diário de Pernambuco*. Não é o mesmo ver e ler Homero, mas seriam inumeras sob qualquer ponto de vista as vantagens a tirar de tais filmes.

Aliás tem-se notado e já Aristóteles o fizera, que a epopéia homérica é essencialmente dramaturgica; caracter no qual Carpeaux se baseia para afirmar que numa provável ressurreição da epopéia, esta não seguiria os canones de Virgilio, mas de Homero.

Derisi (*Lo Eterno e lo Temporal en la Arte*) sustenta que a arte clássica é a mais adequada ao espirito humano pela facilidade com que exprime a beleza sensível até a puramente humana, sendo inadequada para exprimir a arte religiosa, ou talvez a de um espirito muito lucido moderno.

Por isso, quando lemos tais autores sentimos por conaturalidade a natureza. se permitem a expressão: o rio, a dan-

sa, a delícia sensual. Ligeiro paralelo: na poesia arábica, o instinto sexual desenfreado-se mais e mais, segundo a religião de Mahomet, domina totalmente a poética. Naquela, além de mais serenada, a luxúria, distribue-se mais pelos cinco sentidos. Compare-se Safo com Khayyam, Horácio com Tagore.

Os personagens se abraçam e não pensam em Freud. Resam e não sabem que há ateus. E se uma moça tem pés brancos e bonitos, lá estará "a donzela dos pés de prata". Homero é grego e não discursa em favor dos gregos, mas torce, luta e rejubila-se no meio deles e o leitor se surpreende torcendo, frio, como êle. O seu forte psicológico não é o sutil, o complexo a neurose séria, mas os sentimentos simples, e os personagens do teatro clássico são sempre incarnações de um ou dois desses sentimentos.

Penso que seria de grande utilidade um estudo de toda a História da Arte, do ponto de vista de suas relações com o sentido comum. Não só dos pontos de vista estética e psicológico, como do ponto de vista religioso.

Penso ser a arte clássica de modo especial a arte do sentido comum. Previno, aliás, que não ponho a mão no fogo, por nenhuma idéia que seja puramente minha neste artigo.

A mitologia, p.ex. manifesta coincidências com o Velho Testamento, encontradas também em outros povos antigos, que, vêem reforçar a teoria monogenista e bíblica do aparecimento do homem.

Há a crença em todos os dogmas dados à razão natural, e tremendas dúvidas sobre aqueles que requerem a luz da revelação.

O "leit-motiv" do teatro grego por exemplo: como conciliar a liberdade humana com o Destino? (interpretação falsa da preciência divina).

Outro exemplo: encontram-se milhares de referências à eternidade, onipotência e outros atributos de Jupiter: como con-

ciliá-los com o seu antropomorfismo, já que sabemos ser êle filho de Saturno, usurpador, e que por sua vez um homem deveria anunciar a sua queda?

Mas revela a sua origem primitiva em atribuir aos deuses, fatos naturais, ou em atribuir deidade aos rios, ventos, conduzindo à idolatria da natureza. Dotados, porém, de imaginação rica os gregos começaram a desenvolvê-la, e, começou, então, a valorização estética da mitologia.

Lucrou a arte e as magníficas descrições que conhecemos de palácios e concílios de deuses, elementos cômicos como as armadilhas de Vulcano, patéticos como a luta entre Diomedes e Apolo, sublimes como a ameaça de uma luta entre Netuno e Jupiter.

Foi êsse lucro extraordinário, que levou os renascentistas a voltarem-se para a mitologia, sem se aperceberem que lividiam o reino entre a Trindade Santíssima e a multidão humaníssima.

Tudo isso e mais o que segue, justifica a preparação a que aludi.

A arte atual reflete um clima totalmente outro. Maritain observou como a arte avançou longamente no terreno espiritual. Não encontra, hoje, facilmente, a sua expressão sensível.

Temos que enquadrar aquelas obras nas suas paisagens, pois o autor como animal político não independe de sua época, tanto mais se é gênio, porque, tem "simpatia universal" (Guyau) ou, porque, a "lei do gênio consiste em assimilar tudo que há de grande em torno de si, tornando-o maior". (Romain Rolland).[•]

E' a pergunta de Gide: "quem mais espanhol do que Cervantes, mais inglês do que Shakespêare, etc."?

A organização política, é claro, tem, igualmente uma influência decisiva sobre a arte. O classicismo é como a renascença uma arte que viveu em regime aristocrático: feudalismo democrático grego e monárquico europeu. Dai, tal-

vez, nasceu-lhes um idealismo naturalista, ou, um surrealismo ingênuo, que se compraz com os fogosos corceis, as Helena, os Aquiles e Le Cid perfeitos, isto é, dotados dos defeitos e das qualidades que a época apreciava especialmente.

Esta imensa perspectiva é, que, nos induz a dizer, que, nada se perde em recuar para dilatar-se. Vale assimilar tudo isso para estar na plenitude das possibilidades. Trata-se de aumentar os nossos conhecimentos de História e Geografia da Beleza. Trilhar os seus caminhos.

Mas os clássicos são massudos e regradinhos.

Será massudo Jean-Cristophe, os Thibault? Depois os líricos não podem ser massudos: Safo, De Vega. .

A palavra massudo é muito usada entre os superficiais. Para esses há uma grande lição nos clássicos, naquela consciência de fazer uma obra duradoura.

Alguns deixaram-se empolgar por essa idéia: non omnis moriar — Horácio — perque omnia saecula fama vivam — Ovidio.

Não foram humildes. A História nega que tenham sido presunçosos.

E' claro, que, todos os gênios nos dão essa lição de grandeza; mas não só nos clássicos essa noção era mais expressa, como ainda, e esse é o ponto capital, era mais vivida, graças ao ritmo mais tranquilo, menos inquieto do seu tempo.

Por outro lado, os clássicos não são regradinhos, os acadêmicos, sim.

Os tomistas distinguem regras eternas das temporais. Aquelas são da própria essência da arte. Estas pertencem ao análogo, e devem cair quando este se esgota. Mas já valeram, e tanto mais, se não foram impostos desde fora mas de dentro, se não foram limites mas vetores.

Todos os grandes escritores souberam utilizar as gramáticas artísticas de seu tempo criando um ambiente próprio ao seu desenvolvimento.

Pegue-se um soneto célebre. A idéia, a rima, a melodia (isto é, a sucessão sonora das sílabas) tudo está unificado de tal modo, que repudia qualquer transformação. E' observação corriqueira. Não se trata de regrinhas; é apenas um sistema de arte, que, encontrou sua "forma splendens", e livremente se quizermos olhar a História.

A arte grega, mãe de toda a arte ocidental tateou pouco a pouco, sem herança e sem preconceito — não podia tê-lo — e criou tudo: da oratória ao poema lírico, da tragédia ao idílio.

A renascença não criou o arcabouço de sua arte, recebeu-o da Grécia, mas porque era o achado, o eureka. Apesar disso, criaram um estilo novo. Primeiro porque os grandes artistas sempre fazem arte nova. Segundo, porque, tiveram dificuldades a vencer.

O som p.ex. já estivera bem domesticado graças ao esforço de domadores da "classe" de Homero e Virgílio, e produzia diante da platéia estasiada numeros formidáveis de ginástica rítmica, com o hexâmetro dactílico, que foi o que ficou mais célebre.

Hoje, na verdade, a nossa cerimônia com a métrica latina, apenas permite vislumbra, aqui e ali e além, o que foram as suas possibilidades sonoras.

As línguas da renascença, porém, eram novas e tinham outro temperamento. E seus fundadores pensavam que a poesia era livre da métrica, mas não da musicalidade — tomando essa expressão aqui em sentido estrito.

Agora pense-se nisso: que idéia genial engastar uma rima no fim do verso! Buscar uma nova métrica que apoiasse o ritmo, em vez das siglas, muletas de outrora! E a inflação intuitiva necessária para colocar dentro do velho arcabouço toda uma nova cultura! E mesmo se considerarmos a longa preparação medieval, desde as sequências rimadas (em latim) da Liturgia, até às redondilhas não é isto argumento para lhe tirar o valor

mas para aumentá-lo pois que assimilou as descobertas precedentes.

A métrica está superada e nossos ouvidos estão cheios das acusações ao Sistema Métrico Estrofal, por tolher a liberdade da substancia poética.

Observou, certa vez, meu colega, Ariano Suassuna, que o segundo quarteto de um soneto era o "parênquima literário" e que ninguém o decorava. O mesmo se pode dizer dos quinto e sexto versos das estrofes dos "Lusiadas", e poder-se-iam citar outros exemplos. Mas, como fulguram certos sonetos... como são gostosas certas sequências estrofais...

Finalmente, estamos emergindo de uma grande crise. O homem procura a sua bussola. Tudo está fazendo uma tomada de consciência.

Maritain (Fronteiras da Poesia) pergunta se M. Jacob tem razão ao dizer que a nossa época prepara os Giotto. Croce defende a classicidade. Leopoldo Hurtado que pensa que a arte vai... e ... vem ... como um pendulo entre o

romantismo e o classicismo, pergunta se não estamos num periodo de primitivismo preparando um classicismo.

Não sabemos como a arte responderá à preocupação evidente.

A Igreja Católica nos ensina que, quando, da ressurreição dos corpos, estes ganharão qualidades que os tornarão mais consoantes aos espiritos inteligentes dos eleitos.

Não estará a arte moderna através do massacre da matéria, de tôdas essas deformações e contradições direcionais que tem assumido, não estará procurando o seu corpo espiritualizado e sutil?

Em conclusão: não nos interessa lê-los, julgá-los, descobri-los?

De resto, temos a segurança de que o tempo já foi bastante para separar os verdadeiros valores dos muitos outros que se perderam; e é lendo-os, e ouvindo-lhes os ensinamentos que nós vamos formar empiricamente o nosso próprio critério para por nossa vez selecionarmos os modernos.

C A R L O S M A C I E L



LIBERDADE -- Aqui na América ninguém interfere em nossa vida, ninguém, nos impede de conversar. Ninguém se intromete nas coisas do espirito, religião ou arte, música ou literatura. Isso é o que significa ser livre, viver num país livre.

Robert Natham

Dostoievski e o Mundo

“Escritores, meus irmãos, em vosso destino há qualquer coisa de fatal”.

NEKRASSOFF

Dostoievski, plantado em frente ao pelotão de fusilaria, na inquieta expectativa da morte, é a primeira página humana iniciadora de sua vida tumultuária. Naquele momento, cercado de fatalidade, entre a vida e a morte, o romancista viajava o pensamento entre a incerteza e a realidade. Estava esperando, a cada momento que se esvasiava no relógio do tempo, a chegada fatal da morte, que seria trazida nas balas dos fuzis que lhe apontavam à figura sombria e triste. E, no momento em que o pelotão de fusilaria apontou em linha reta para a sua figura inquieta, em que se debatia o conhecimento do terrível mistério da outra vida que se aproximava, naquele momento, faltava movimentar-se o fusil para expelir as balas assassinas, o general Rostovtzeff, bondoso, calmo e impassivo, anuncia o perdão dos condenados.

Dai em diante, ilumina-se a vida e a alegria de Dostoievski. Mas, depois, chora a morte do pai, assassinado pelos servos.

Seus olhos se encontram, tempos depois, com o Novo Testamento, a primeira leitura a iluminar-lhe os olhos abertos.

Mas, a grande admiração de Dostoievski foi, sem dúvida, Puchkine, sobre quem, mais adiante, escreveria aquela página memorável que surpreendeu e emocionou a multidão silenciosa. Levinson, o grande intérprete da psicologia dostoievskiana, expressou em páginas inquietas a emoção daquele momento de revelações surpreendentes. As mulheres choravam. Os inimigos se abraçavam, comovidos. E não havia mais partidos dividindo as consciências. Só havia a Rússia única, diz Levinson.

Aquele discurso memorável fôra uma página reveladora que emocionou a multidão ansiosa.

Entretanto, sentia falta de Puchkine e exclamava:

“Senhor, como a Rússia é ex-quisita sem Puchkine!...”

Ele, Dostoievski, depois de haver escrito as primeiras cartas cheias de pedidos, queixas e suplicas repetidas, fazia a sua autobiografia sintética, em poucas palavras:

“O demônio fez-me nascer na Rússia com talento e uma alma”.

Mas, a perfeita e sensível revelação da alma dostoievskiana foi, sem dúvida, o seu grande e inevitável desespero. Um dia, ele imagina um projeto sensacional: fazer-se passar por louco. Deixando de lado a galhofa e a irritação humana, longe está de incomodar-se com elas essa alma cheia de contradições criadoras, que vai realizando o seu grande destino cheio de fatalidade na vida social da Rússia do Século XIX.

Visinha daquela sua loucura enigmática, era a expressão que, mais adiante, colocaria na boca de um Karamasoff:

“Quem não desejou a morte do pai?”

E' aí que André Levinson recorre, inquieto embora, a uma análise de caráter psicanalítico para situar no tempo a alma ansiosa daquele que vivia cambaleando entre as realidades contraditórias. E essa imaginária morte do pai nada mais representava do que o complexo edipiano, se se quizer falar em psicanálise diante de uma personalidade tão incompreensível e misteriosa, como a personalidade dostoievskiana.

Incompreensível em misteriosa porque assaltada pelos conflitos antagônicos, pelas realidades contraditórias que lhe inquietavam o espírito criador. Diz Levinson que, aos vinte e cinco anos, Fédor atraía e irritava pela mais paradoxal mistura de elegância afetada e timidez

selvagem, de dandismo e misantropia, de jatância e embaraço, de superficialidade e profundidade. E', pois, através dêsse plano fantasmagórico, que se pode explicar e traduzir a realidade impressionante do espirito dosstoievsquiano, visivelmente contraditório. Os seus romances representam e retratam, com efeito, a vida humana em lôda a sua estranha realidade, em lôda a sua contradição fantástica.

O orgulho e a vanglória são meus pecados capitais, confessaria Dostoievski a Miguel, tempos depois. Mas, de qualquer modo, achava a beleza uma coisa grande, tremenda. Foi essa atitude estranhamente contraditória diante da vida em tumulto que fez Bielinski enlouquecer por êle e julgá-lo capaz das maiores coisas.

Em uma tarde russa, o criado de Bielinski lhe traz uma declaração em uma folha de papel:

"Dostoievski, minha alma (imortal) tem sêde de vê-lo. Venha, peço-lhe; o portador desta mensagem conduzi-lo-á. Irá ver todos os nossos".

Um fato original da vida de Dostoievski é a sua ligação sentimental a uma rapariga fútil e vaidosa que lhe não preocupou muito a sensibilidade. E, depois, tenta escrever Goliadkine. Mas, alguns meses depois, lamenta, decepcionado, que "Goliadkine tornou-se-me odioso. Ao lado de páginas brilhantes, quanta asneira. Não se pode ler..."

Houve, entretanto, mais tarde, um sensacional episódio na vida de Dostoievski. Das três desconhecidas que desejavam

procurá-lo, anciosas, uma delas ofereceu-lhe como presente o Evangelho, êsse livro sagrado que, tempos depois, estaria aberto na página da ressurreição do Lásaro, nas mãos frias de Sônia, que o leria diante do silêncio comovido de Raskolnicoff.

Para essa realização, que atravessará os tempos, "Crime e Castigo", Catarina Ivanovna, a primeira mulher de Dostoievski, deu o seu sangue e muito da sua alma ansiosa.

Ao sair da fortaleza de Omsk, Dostoievski lamentava os terríveis e repetidos tormentos que lhe causava a ansia de crer, considerada por êle tanto mais forte quanto mais numerosos eram os argumentos contrários.

Cristo, para êle, era mais do que a verdade. E a realidade é que, se alguém me provasse estar Cristo fóra da verdade, e se realmente se demonstrasse estar a verdade fóra de Cristo, teria preferido ficar com Cristo a ficar com a verdade.

Agora, neste século de inquietações, o mundo que Dostoievski retratou nas páginas tumultuárias dos seus romances psicológicos, se volta para a sua figura impressionante que, dominando a realidade do mundo, se abateu, entretanto, em face dos conflitos antagônicos oriundos das grandes e renovadas realidades contraditórias. Mas Dostoievski foi grande e sensível. E o homem do século moderno representa, em sua vida, em sua finalidade e em seu destino, o próprio Dostoievski, humanizado, contraditório, negativista e místico.

C L E O D O N F O N S E C A



PALAVRAS SOBRE A UNIVERSIDADE

A margem da estratificação econômica e cultural do Recife, a construção de uma Universidade, foi sempre uma idéia constante das várias gerações do Nordeste.

Originado da opulência açucareira e dos sonhos de Mecenas do Grande Hollandês, esse pensamento alimentou espiritualmente toda a nossa vida monárquica e republicana. Nos anos de Independência, os constituintes o discutem e lançam-no em projeto. Depois de 1827 é o bispo Azeredo Coitinho que anda fazendo planos para lançar uma universidade em torno de sua natural célula mater — os cursos jurídicos de Olinda.

Em 1911, o professor Amazonas apresenta o projeto perante o Conselho de Ensino Superior, hoje Conselho de Educação. E na comemoração do centenário da instalação dos Cursos Jurídicos, é todo o Nordeste que levanta o seu clamor, pedindo que se fundasse no mesmo dia a Universidade. Essas vozes, nascidas da grandeza intelectual do Recife, não encontram eco, todavia.

Só em 1932, os meios oficiais se articulam para a fundação da Universidade do Recife. Mas a proposta que fazem ao professor Amazonas — chefe incontestado daquele movimento de opinião — é tão inconsequente que este se vê forçado a recusá-la. E' que pretendia o Ministério da Educação criar uma Universidade Es-

tadual, rebaixando a Faculdade de Direito, da órbita federal para a provincialiana.

Sabendo o professor que o Estado de Pernambuco não teria amplas possibilidades para a manutenção da Universidade, preferiu adiar a execução do ato. Isto por amor à Faculdade de Direito e à Universidade que iria nascer. Sacrificando a si próprio, porque não era segredo a indicação do seu nome para a Reitoria da nova Universidade. Nessa orientação, organiza em 1942 um quadro para a fundação de várias Universidades nos locais próprios ao seu florescimento e grandeza. E agiu bem. Porque a 1946, era a Universidade do Recife lançada em bases federais, com a promessa da criação da Cidade Universitária. Nêsse propósito, proporá, em breve, ao Conselho Universitária, a nomeação de uma comissão para elaborar o plano de construção da Cidade Universitária. Esta compor-se-á de vários institutos, além de cursos de extensão, tanto de natureza técnica e científica, como também jurídica. Esses institutos serão centros de pesquisas para os diversos ramos do conhecimento humano. Neles serão aproveitados os alunos mais estudiosos e aplicados nos cargos de assistentes das várias matérias.

E' que julga, o reitor Amazonas, com esse passo, estimular a ciência pela ciência, o estudo pelo estudo, num caráter

de amor ao trabalho de laboratório, à organização de esquemas práticos e à discussão e aprofundamento das questões também sociais. Num caso de êxito, fazer frutificar na Atenas nordestina um grupo de cientistas e pesquisadores que estudem e esclareçam os problemas da terra e do povo, harmonizando-os na síntese vital. Criar-se-ia, assim, o espírito universitário, resultante dessa combinação de valores.

A visão do mundo e das coisas completar-se-ia, então para eles. As teorias sociais, em fusão com as matemáticas,

físicas, químicas e biológicas, dariam ao estudante o conjunto da vida, na sua integração perfeita. Dessa maneira, o fenómeno seria visualizado na sua realidade, fruto daquela harmonia justa. O estudioso não seria mais um ente isolado, no seu ângulo particular de uma observação unilateral. Porque agiria em conjunto, com outros entes e estudiosos que têm pontos de partida diferentes dos seus, fornecendo essas facetas, diversas matrizes básicas para edificação de um templo em comum.

ANTONIO DE OLIVEIRA LIMA



Se a raça humana quizer sobreviver, o mundo deve encontrar um meio pelo qual os homens e as nações possam viver unidos e em paz. Não podemos aceitar a doutrina de que a guerra é parte do destino do homem.

Roosevelt

DOIS POEMAS

PARA UM ESTRANHO

Extranho que passas! tu não sabes com que ansia
eu te fito
Tu deves ser aquele que eu andava procurando, ou
aquela que eu andava procurando
(isso vem a mim como num sonho)
Com certeza eu já gozei em algum ponto do mundo
uma vida de alegria contigo,
Tudo me diz que já nos cruzamos ombro a ombra
fluidos, ternos, castos, em plena maturação
Tu crescestes comigo, foste um rapaz comigo ou uma
moça comigo
Eu já comi e dormi contigo; teu corpo desde então,
não pertence sómente a ti, assim como o meu
não ficou mais pertencendo sómente a mim.
Quando passamos um pelo outro, tú me dás o prazer de
teus olhos, do teu rosto, da tua carne, e eu
te retribuo com o prazer do meu peito, das
minhas mãos, da minha barba
Eu não quero falar contigo, eu gosto é de pensar em
ti quando estou sentado sózinho, ou acordado
à noite sózinho
Eu te esperarei, não tenho dúvida alguma de que vou
te encontrar ainda,
E terei cuidado dessa vez para que não te perca.

PARA UMA CERTA CANTORA DE CABARET

Ouve, toma êste presente,,
Eu o estava reservando para algum
herói, orador ou general
Alguém que servisse a velha boa causa,
a grande idéia, o progresso e emancipação da raça,
Algum atrevido desafiador de despotas,
algum rebelde audacioso;
Mas eu vejo que aquilo que lhes estava reservado,
te pertence tanto quanto a qualquer um.

W H A L T W H I T M A N

(Tradução de Osvaldino Marques)

Acidentes do Transporte

(PREFÁCIO A UM NOVO LIVRO DE CLEODON FONSECA)

Desembargador SABOIA LIMA

O autor do trabalho que ora sai à lume é um estudioso apaixonado das letras jurídicas, tendo se especializado nas controvertidas questões de responsabilidade civil, matéria em que já é mestre.

Há tempos recebi a substanciosa monografia, *DA CULPA CONTRATUAL E AQUILIANA*. Não tinha o prazer de conhecer o autor, advogado em Recife. A leitura do excelente trabalho revelava, um talento arguto, uma cultura sólida, tendo admirado a forma elegante, simples e clara da exposição, assim como a brilhante documentação dos conceitos emitidos pelo autor.

Agora sei, através dos conceitos emitidos pelo eminente Desembargador CUNHA BARRETO, do Tribunal de Pernambuco, que o Dr. CLEODON FONSECA é um jovem advogado e que logo ao concluir o curso jurídico, revelou grande entusiasmo pelo estudo das questões jurídicas confiadas ao seu patrocínio e que a sua estréia no fôro do Recife, revelou espírito combativo, inteligência, cultura e um pendor especial pelos problemas mais difíceis do direito civil.

E' assim com satisfação e honra que recebo o convite para prefaciar o novo trabalho de CLEODON FONSECA, intitulado *ACIDENTES DO TRANSPORTE*. E' a oportunidade que tenho de dizer de minha admiração por um dos mais altos valores jurídicos da nova geração.

Com o trabalho anterior, a que me referi, *ACIDENTES DO TRANSPORTE* é uma monografia de valor, onde a matéria é estudada com erudição e segurança, apoiadas em copiosa e boa documentação científica.

Versando assunto de alta importância para o direito civil, revela um espírito que não se satisfaz com a superficialidade das questões jurídicas, mas examina a raiz dos problemas, suas razões filosóficas, seu conceito ético, sua finalidade sociológica.

Basta ler alguns dos parágrafos em que se dividiu a sua monografia para compreender o valor e a importância do trabalho: história do transporte, a locomotiva democrática, formação e elemen-

tos do contrato de transporte, acidente do transporte, fundamentos da responsabilidade contratual, o problema do transporte gratuito, da responsabilidade por ato de terceiro, as colisões, teoria da imprevisão, caso fortuito e força maior, qualidade do passageiro, deveres do viajante, intervenção exclusiva da vítima, circunstâncias influentes na fixação do quantum, as cláusulas de não-responsabilidade, estado de necessidade e viagens de entrevia.

Êstes são os aspectos jurídicos do contrato de transporte, que o Dr. CLEODON FONSECA examina e estuda na primeira parte do seu trabalho.

A segunda parte é referente ao problema do transporte aeronáutico, examinando o conceito de aeronave, e contrato de transporte, extensão da responsabilidade contratual, reparação dos danos ocasionados a terceiro colocado à superfície da terra, critério das legislações estrangeiras, a questão da concausa destruída pela causalidade, os danos da aeronave em pouso e a indenização do seguro.

Não se justifica que o prefácio faça obra de critica e análise de todo o trabalho e no caso levaria estas páginas se fôsse examinar os conceitos e idéias, com os quais estou de acôrdo em sua maioria. E', porém, um impêrativo de justiça e uma honra para mim como estudioso de nossos problemas jurídicos, afirmar que de tantos e tão interessantes aspectos trata com capacidade e carinho o Dr. CLEODON FONSECA, impregnando de senso filosófico o seu estudo e trabalhando-o com erudição bastante.

Saliento que no capítulo sobre os fundamentos da responsabilidade contratual, o autor diz que "é um problema que vem inquietando as mentalidades, principalmente a daqueles que subordinam o principio ao da responsabilidade delitual, dominado pelo resquício clássico da culpa aquiliana", referindo-se "aos dois principios que se completam: o principio da causalidade objetiva e o da responsabilidade presumida do transportador."

Tenho entendido que o nosso Código Civil (arts. 169 e 152) estabelece princípios de verdadeira juridicidade e moralidade. Quem utiliza outras pessoas para aumentar o seu poder, atividade e importância, deve, em toda justiça, responder pelos danos causados a terceiros por essas pessoas, que, integrando a energia e o trabalho do preponente, estendem a sua ação e o seu domínio a negócios a que não pode atender pessoalmente.

E, desde que a própria necessidade da vida, em comum, nos obriga a pautar nossas ações por uma forma tal que não venhamos a dar prejuízo a outrem, essa mesma necessidade nos obriga a vigiar as pessoas que de nós dependem e ser cautelosos na escolha das pessoas de que nos servimos, para que também não se tornem causa de danos a terceiros.

Mas, a teoria da responsabilidade civil por atos ilícitos de terceiros sob nossa guarda, ou dependência, deve ir mais além e assentar o fundamento da responsabilidade no fato, no risco criado. Quem cria o risco, deve suportá-lo. O patrão, criador da indústria, deve responder pelos danos que ela causa: é o risco profissional. Assim, cada uma das ações humanas, aquela que age deve suportar as consequências dos seus atos.

Toda empresa industrial, que explora meios de transporte, incorre, *ipso facto*, no risco do funcionamento destes veículos, e, pois, responde sempre, em princípio, por todos os danos que venham a causar, salvo apenas o caso fortuito e o dolo da vítima.

A simples culpa, tão difícil de apreciar-se, nestes acidentes seria excluída, como acontece nos acidentes do trabalho.

Paralelamente a essa teoria do risco aplicada aos transportes, se desenvolveria o seguro contra os seus acidentes, e assim uma solução social e econômica se apresentaria para suprir a deficiência das soluções jurídicas. Formar-se-ia um novo capítulo da teoria do risco, derogatório do sistema comum, mas cuja utilidade social seria evidente.

Estas considerações levou-se ao estudo do problema do transporte aeronáutico, "que constitui a segunda parte do trabalho do DR. CLEODON FONSECA, trazendo uma valiosa contribuição para o aspecto jurídico pouco estudado entre nós.

O direito aéreo é uma criação deste sé-

culo, pode-se dizer dos nossos dias e por esse motivo representa todo o adiantamento atingido pela cultura jurídica da época; estendendo as obrigações e direitos, além do solo e do mar, até o espaço ocupado pelo ar, introduz na legislação dos povos, como a navegação aérea introduziu no esforço industrial, o máximo progresso. Com os princípios e doutrinas conhecidos em outros ramos do direito, se tem criado novos princípios e doutrinas para aplicação em outro campo de atividade, que, como tal, só agora se descobriu e se explora.

Tive a honra de participar da Secção Brasileira do Comité Juridique International de l'Aviation, que se reuniu no Itamarati, sob a presidência de honra de CLOVIS BEVILAQUA e efetiva do eminente jurista MOUTINHO DORIA, constituída de magistrados, professores, diplomatas e advogados. Esta Secção Brasileira é que redigiu o projeto que se tornou o atual CODIGO DO AR.

A responsabilidade decorrente da navegação aérea assume um aspecto diverso das outras origens e a comissão manifestou-se pela atenuação no direito aéreo, diante da necessidade de animar-se a nova indústria, e da consideração de que quem recorre ao novo meio de transporte, conhece os bem maiores riscos que suporta e se deve acautelar pelo seguro. Foi por isto que o Código do Ar fixou taxativamente em Cr\$ 100.000,00 o ressarcimento do dano e assim "cada viajante, como afirma o autor, está, *ipso facto*, garantido pela indenização taxativa do seguro, não se justificando decisão que arbitrariamente e *contra legem* arbitrou indenização de maior quantia.

Ao concluir a leitura do trabalho que tenho a honra de prefaciá-lo, quero fazer minhas as palavras do Desembargador CUNHA BARRETO, um dos grandes magistrados brasileiros, quando afirma que "com os dotes espirituais bem acentuados, CLEODON FONSECA tem diante do seu caminho grandes perspectivas para percorrer e atingir pelo seu acendrado amor às letras jurídicas, o nível mais alto de um nobre ideal".

Ao ilustre autor, que se revela jurista de senso e sociólogo agudo, com os nossos votos por que a sua obra — ACIDENTES DO TRANSPORTE — encontre entre os intelectuais o acolhimento que merece, consignamos nestas linhas nossos aplausos de vê-lo sempre ativo na prosperidade da literatura jurídica.

NUMERO EXTRA

Na ponta da haste
longa e vertical
a flor aberta
no país dos mortos.
Raízes ou nervos
de fundos corações.
Silêncio e cores
do fim da tarde
domingo de agosto.
Vento leve de longe
pra mais longe ainda.
Castiçais, jarrões,
Velas, lamparinas,
chamas sem coragem.
Lembranças perdidas,
o enterro do menino.
Ela chega calma,
chega calma e deserta
aproxima-se da haste
longa e vertical
une a boca à flor
beija ou murmura, não
se ouve quasi nada
pela superfície
apenas a ressonância
da música que inunda o
mundo subterrâneo.

M A U R O M O T A

DISCURSO SÔBRE CASTRO ALVES

Na sessão solene com que o Diretório Acadêmico comemorou a passagem do centenário de Castro Alves o acadêmico Antônio de Brito Alves pronunciou o seguinte discurso:

Não é a um morto já muito antigo que estamos reunidos para homenagear.

Parece, antes, que é a um contemporâneo, ainda bem vivo, ainda bem estudante, sôbre cujo espirito o tempo nada fez para torná-lo ausente, morto antigo que o Tempo não pôde distanciar e estranhamente foi deixando sempre moço, sempre de cabelos revoltos, sempre de idealismos renovados.

É a esse contemporâneo eterno, eterno pela presença do seu próprio espirito e também eterno pelos que continuam lutando para segui-lo e conservá-lo, é a esse contemporâneo que vêm reverenciar, hoje, aqui, os doutores, os colegas, as moças, os pretos, o povo.

É ao lado do Homem, nesse seu desejo cristão de reconhecimento, parece-permiti, em homenagem a êle, o vôo da imaginação — parece se achegar também a própria terra de Pernambuco, dos imensos e cansados canaviais de 400 anos, a própria terra radiosa dos engenhos e o chão escuro das senzalas, dos massapés fecundos e das pedras irregulares das ruas do antigo Recife.

A Terra e o Homem, aqui presentes, perguntam, neste primeiro centenário da vinda do seu poeta, como se precisassem justificar o seu amor a êle, perguntam a mim e a vós outros:

Antes dêle, o que fôra a mocidade?

Pois é verdade, senhores, que a mocidade naquela escola de Olinda, nascida entre os incensos dos santos e as ladinhas dos frades, a mocidade fôra somente o trote, as sebatas, a serenata.

E os poetas, quer vivessem êles na Olinda das ladeiras e das igrejas excessivamente douradas, quer perambulassem, noite alta, bêbados e aparentemente corrompidos, pelas ruas da outrora São Vicente, os poetas viviam consigo

mesmo, com os seus sofrimentos, com as suas amarguras, com a sua querida imagem da morte próxima, dos inumeráveis “quando eu morrer”.

Os poetas eram egoístas. Dominava-os o subjetivismo mais cerrado.

E’ bem verdade, senhores, que, antes dêle, os poetas não viam os seus irmãos.

Em São Paulo, onde Byron os guiava e os conduzia, tôda a noite era mesmo noite na taverna: o alcool barato os devorava, na companhia das muitas cafusas e sararás que pululavam nas ruas escuras da Paulicéa.

Cafusas e sararás elevadas, num brinde quente e palavroso, às alturas de George Sand.

E quando deixavam êles os seus banquetes negros, os seus deboches, as suas orgias, todos esses rápidos contactos com a vida e com o mundo, era para se recolherem dentro de si mesmos, para se olharem interiormente, para viverem apenas com o seu “eu”.

E, metidos nos seus quartos tristes, soltavam a imaginação e penetravam em delírio, nos cemitérios, e profanavam as mortas e se tornavam noivos dos Sepulcros.

Para esses poetas, muitos dêles doentes no corpo e todos doentes na imaginação, podia haver a beleza da terra ao lado da beleza das moças.

Mas para êles não havia a gente, o povo, o problema.

O mundo era mesmo a sua personalidade.

Na sua sensibilidade tocava apenas o amor imaginário ou o amor contrário, a mulher da torre ou a mulher da esquina.

E o que ganhava forma artística e vinha para os livros, eram os seus próprios sofrimentos e amarguras.

Sómente aquele colega Castro Alves, que aqui chegou sendo reprovado e aqui amou tantas moças e atrizes, haveria de romper com tôda essa tradição de romantismo estéril. Êle próprio era uma mensagem.

Ele trazia em si o "Século", aquele Século que a Europa, pela voz da França, já anunciara e mesmo prometera às Américas e ao mundo.

Aquele século que parecia finalmente chegar, cansado da caminhada, mas trazendo nas grandes mãos fechadas, a Liberdade, a Igualdade, a Fraternidade.

Aquele século que a ciência positiva começara nervosamente a delinear, arrogante e esperançosa, no fundo dos seus laboratórios e no mistério dos seus tubos de ensaio.

Aquele século que prometia ao homem o seu progresso indefinido e que ingenuamente sonhara que o homem nem precisava mais de Deus para se eternizar.

Teve muita fé no seu século, o estudante-mensagem chegado de Curralinho.

Tanta que não pôde ver os defeitos e os erros escondidos, como traças, no seu bojo promissor.

E foi esta fé, nunca vacilante, que ele foi deixando, através dos seus poemas, nos salões e nos teatros, nas casas e nas ruas, para que o povo a conhecesse e a lvesse também.

Ele não a queria sómente para si.

Pois a sua missão, a se refletir na sua palavra inquieta e nos seus gestos largos, na tribuna e nos balcões dos teatros, era a missão de anunciar que um novo mundo nascera, com liberdade, justiça e amor, nas terras de França.

Era a missão de anunciar, neste Recife, que era chegada a hora da mocidade a quem sómente devia pertencer aquele novo mundo, como é a Deus que pertence a eternidade.

Era a missão de anunciar que a juventude deve respeitar no passado o que existe nêle de grandioso e de definitivo e rejeitar, com desassombro, tudo o que dêle permanece sob a forma de opressão e de miséria..

Começara, assim, a mocidade a ter um sentido.

Foi de Castro Alves que a mocidade nasceu como função, neste Brasil.

Como função sociológica no espírito desta Casa.

Como força a adquirir a consciência do seu próprio valor e do destino que tem no rumo político da nacionalidade.

Como reserva moral, a repudiar, ontem como hoje, a carreira nervosa dos transfugas, o riso tímido dos indiferentes e a histórica camisa furta-côr das transigências.

O estudante-cidadão, foi Castro Alves quem o criou.

Com a sua palavra e a sua renúncia, capaz de chegar ao sacrifício.

Agora mesmo, a sua voz esteve conosco e o seu espírito andou por êsses mesmos corredores.

Foi na rua que a nossa geração encontrou o colega Castro Alves, com os cabelos revoltos e a mão estendida anunciando reformas.

E na praça, ensolarada e livre, nós te deixamos, ainda, colega, porque na praça a tua fé de moço terá sempre um sentido.

Porque na praça nenhum poder humano te impedirá jamais de ser o que és: o grande símbolo, o amor, a justiça, a mocidade eterna!

Pois, senhores, quando a nossa geração teve de caminhar, teve de seguir pelo mesmo caminho humano das reivindicações, agora de brancos como outrora fôra de pretos, foi a êle, e não a nenhum jurista sêco e estéril, foi a êle, ao colega Antônio de Castro Alves, que o estudante Demócrito foi invocar, antes de seguir á frente do nosso povo para o sacrifício comum:

"A praça, a praça é do povo
como o Céu é do Condor".

ANTONIO DE BRITO ALVES





Crônica Musical

Segundo uma entrevista que o notável maestro brasileiro Heitor Villa-Lobos concedeu a uma das nossas revistas, descobrimos — entre outros — dois problemas, de aspecto grave, ambos de muita importancia: o primeiro de caráter particular, que se traduz na própria pessoa do maestro, vamos dizer assim: na sua posição de grande musico moderno, no panorama artistico brasileiro. E o que constitui justamente o problema é que Villa-Lobos não é, como devia ser, considerado entre nós, o gênio da nossa raça mestiça, a força musical extraordinária que ainda não se esgotou e que se reveste cada dia daquelas qualidades que a arte exige para ser eterna. Heitor Villa-Lobos já possui o que se chama de *definitivo*. Através dos seus geniais Choros, das suas canções, das suas obras em geral, comprovamos com alegria uma fecundidade espantosa, uma aglutinação de sons e acordes de feição brasileira, independente das escolas e das influências estrangeiras. Si Villa-Lobos, em alguma época ou em alguma obra deixou-se influenciar, essa influência foi transitória e bem cedo eliminada. A polifonia da musica moderna, foi empregada por êle, no Brasil, a serviço do nosso folclore. Esse folclore que, na sua própria expressão, não é “nem rico nem pobre: é riquíssimo”. A elasticidade da polifonia moderna foi para Villa-Lobos o instrumento com que êle ex-

traiu do nosso povo os riquíssimos temas para as suas musicas, a expressão que êle usou para nos revelar os segredos de certo aspecto da nossa arte, segredos êsses ignorados pela maioria, quando não negligenciados como coisa inutil.

... E não dão a êsse homem a devida importancia. Pelas palavras da referida entrevista, vemos que Villa-Lobos não ignora isso. Logo que a pianista pernambucana Rachel Canen lhe perguntou: — E a aceitação da sua musica dentro do Brasil em relação ao prestígio que ela desfruta lá fóra, êle respondeu, não sem certa ironia:

— Sabe de onde é tudo isso? (cartas, impressos, musicas, convites, consultas, projetos de contratos, programas, etc.) — Dos Estados Unidos, da França, da Inglaterra, da Itália e até da Palestina. Do Brasil... espere aí. Não sejamos injustos. Bem, do Brasil, há também uma carta, convidando-me para reger dois concêrtos...

O segundo problema, de caráter geral, é o seguinte: não se dá atualmente á musica brasileira também a importancia que ela merece. A' nossa musica e ao seu maior intérprete. Os nossos temas, são extraordinariamente ricos, em força de expressão e em variedade. A não ser uma meia duzia de compositores notáveis como Mignone, Guarnieri, Ernani Braga e outros, mais recentemente Cláudio Santoro — a musica

brasileira é espoliada comercialmente por pequenos compositores sem escrúpulos. Não me refiro especialmente aos compositores populares. Mas aos que despersonalizam a nossa musica, que destroem o seu estilo, que transformam a musica popular numa coisa sem forma, sem riqueza, sem fôrça. Refiro-me aos velhos temas do sertão, saborosos e inimitáveis, originais e belos, que são abandonados em favor de outros acordes, em favor de outras vozes, em favor de coisas estrangeiras. Aos

notáveis sambas das "escolas", sentimentais, poéticos e rítmicos, desprestigiados até pelo governo... Ao maracatú, violento e coreográfico, que desaparece aos poucos como coisa obsoleta.

Até onde esses compositores nos querem cretinizar? Até quando abandonarão o que há de realmente expressivo? Quando enxergarão na nossa musica popular a voz do povo, a fôrça do povo, a voz da terra, o barro que um Villa-Lobos transforma nas suas obras-primas?

G. H.



PROFECIA -- Todo americano luta pela liberdade. E hoje a liberdade pessoal de cada americano e de sua família depende, e no futuro dependerá cada vez mais, da liberdade de seus vizinhos em outras terras. Pois hoje o mundo é uma pequena comunidade. Por isso esta guerra que teve início em áreas aparentemente remotas, China, Polônia, espalhou-se por todos os continentes e quase todas as ilhas do mar, envolvendo as vidas e as liberdades da raça humana inteira. E a menos que a paz que se seguir, reconheça ser o mundo inteiro uma pequena comunidade e faça justiça a toda a raça humana, os germes de outra guerra mundial permanecerão como uma ameaça constante à espécie humana.

Roosevelt

DO MEU CADERNO DE TEATRO

- I — A peça de teatro é escrita para ser representada. Ela vive nos diálogos, na intriga (não quero referir-me á intriga de folhetim ao modo Peres Eserich) e, sobretudo, na ação. O público não tem obrigação de ir a uma sala de espetáculos para decifrar charadas. O inverso também não satisfaz: o público não tem obrigação de ir a uma sala de espetáculos para ouvir sandices.
- II — Se se pudesse escrever uma peça fora do tempo e do espaço...
- III — O teatro grego continua fornecendo os temas para as grandes peças de nossa época, por onde se prova que os verdadeiros conflitos da alma são sempre novos e atuais. Cocteau — esse poeta que propôs, no início da guerra, telegrafar tôdas as notícias em linguagem poética — clo-roformizou e amputou (segundo a sua própria expressão) **Antígona**, de Sófocles. Giraudoux deu palavras novas á boca dos personagens de **Judith**. Fica-nos, porém, a impressão de que as duas tragédias foram apenas caricaturadas com a "amputação" e as "palavras novas". Eugene O'Neill, entretanto, realizou aquilo que eu chamarei "a justa medida". Aproveitou a essência, que é o principal, conservou o núcleo da tragédia e, em homens e mulheres dos nossos dias, conseguiu impôr a grandiosidade do drama antigo, com a mesma força e o mesmo sentido da fatalidade: **Mourning Becomes Electra**.
- IV — No Teatro do Estudante não existe primeiro ator nem estrela. Aquele que fez ontem um grande papel aparecerá amanhã interpretando uma "ponta". A cena não tem necessidade de solista, como se fôsse uma orquestra. Todos os papéis são necessários dentro da representação da obra de arte. Aí está o segredo do êxito que procuramos alcançar a harmonia do conjunto.
- V — Oh, a lógica de certas peças de teatro! Tudo muito bem medido, tudo muito certinho, sem desvios, sem passos audaciosos. Os personagens não conseguem viver uma vida própria, são fantoches dentro de um enredo que a gente sente pre-estabelecido. Coitados dêsses personagens! A gente chega a se lembrar de Manuel Bandeira, naqueles versos:
- "Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado..."
- VI — Mais uma vez se me apresenta a questão: pode um romancista, um bom romancista, ser necessariamente um bom escritor de teatro? Uma nova leitura de **Três Tragédias á Sombra da Cruz** diz-me que não. A peça faltam os elementos mais bestas de teatro, dando como resultado uma aridez que matará, por certo, o encanto da representação.
- VII — Definição de uma peça por Clayton Hamilton, em seu livro **The Theory of the Theatre**: "A play is a representation, by actors, on a stage, before an audience, of a struggle between individual human wills, motivated by emotion rather than by intellect, and expressed in terms of objective action".

VIII — Abro este caderno e leio, com a data de 7 de janeiro de 1944: “A minha peça não pode ser considerada uma realização, mas uma tentativa. Eu sei que ainda não posso realizar um drama que me satisfaça inteiramente, mas tenho de tentar. E por isso escrevo aquilo que sempre me seduziu como motivo dramático: a sedução da morte e o caráter da fatalidade”.

IX — Como eu gostaria de escrever com relação a certas obras teatrais essas palavras de Gide: “Ah, vous méritez bien Rostand! du penache, du champagne, tout

ce qui flate cette incurable légèreté d’esprit qui vous fait plaisir...”

X — Tem razão Keller quando apresenta sugestões para a criação de um teatro do povo: “Não é verdade que eles não saibam apreciar obras de arte e tenham um incurável mau gosto. O que é verdade é que eles têm uma outra maneira de enfrentar as coisas da vida, diferente das pessoas cujas exigências já foram realizadas. E é também verdade que eles não gostam de ver os seus problemas através dos óculos dos satisfeitos”.

HERMILO BORBA FILHO



CRENÇA — Aprendemos que não nos é possível viver sozinhos, na paz; que nosso próprio bem-estar depende do bem-estar de outras nações distantes. Aprendemos que temos de viver como homens, não como avestruzes, não como cães na corrente. Aprendemos a ser cidadãos do mundo, membros da comunidade humana. Aprendemos a simples verdade, como disse EMERSON, de que “o único meio de ter um amigo é ser um amigo”. Não podemos conseguir paz duradoura se nos aproximarmos dela com suspeita e desconfiança — ou com medo.

Só podemos consegui-la se agirmos com a compreensão e a confiança e a coragem que brotam da convicção.

Roosevelt

Notas Acadêmicas

1—Em 5 de Maio passado realizaram-se na Faculdade as eleições para o Diretório Acadêmico no período de 47-48. Por expressiva maioria foi vitoriosa a seguinte chapa:

Presidente — *Felipe Tiago Gomes.*

Vice-presidente — *Antônio Correia de Oliveira.*

1.º secretário — *Marcelo Pessoa.*

2.º secretário — *Carlos Cunha.*
Tesoureira — *Maria José de Aguiar.*

2—Iniciando as suas atividades o novo diretório conseguiu com a direção da Rádio Clube um programa semanal de 15 minutos, a cargo dos estudantes de Direito. Está sendo realizado tôdas as terças-feiras as 21,30.

3—Inauguraram-se a 10 de Maio p.p. dois cursos de extensão universitária que o Diretório promoverá durante o corrente ano.

“Geografia Econômica”, que está a cargo de Lucien Pouessel e “Introdução à Sociologia” dada pelo prof. Luís Delgado.

4—O Diretório vai patrocinar entre os acadêmicos de Direito um concurso de contos e outro de poesias. Estão sendo organizadas as bases.

5—Em mãos do prof. Luís Delgado para dar parecer encontram-se as monografias sobre Castro Alves que concorreram ao concurso patrocinado pelo Diretório.

6—Brevemente estreiará no salão de leituras da Biblioteca da Faculdade o “Teatro de Fantoches” nova e grande realização do Teatro do Estudante.

7—O Diretório Acadêmico estuda a possibilidade de levar a efeito a II Feira do Livro Brasileiro”.

8—Em ensaios pelo Teatro do Estudante está a peça “Ratos e Homens” de Steinbeck, que sucederá no cartaz á “A sapateira Prodígiosa” de Lorca.

9—Convidado pelo Diretório o carmelita frei Romeu Peréa fará, a partir de Agosto, na Faculdade, uma série de conferências sobre a “Posição Social da Igreja”.

10—A’ 2 de Junho passado, Renato Viana lançou na Faculdade de Direito o seu segundo “Manifesto de Arte”.

11—Uma série de conferências sobre musica está em vias de ser realizada na Faculdade sob o patrocínio do Diretório Acadêmico.

12—Em dias do mês passado os estudantes de direito prestaram ao professor Genaro Guimarães uma carinhosa homenagem por motivo de ter o mesmo deixado a diretoria da escola.

13—Em Assembléia Geral recentemente realizada os estudantes resolveram advertir a nação dos perigos decorrentes do fechamento do Partido Comunista, ato que feriu as garantias de liberdade partidária asseguradas pela Constituição.

14—O Diretório inaugurará brevemente as suas sabatinas semanais em que serão ouvidos e interrogados pelos estudantes, escritores, políticos e intelectuais daqui e de fora.

15—Foi eleito paraninfo da turma de bachareis de 1947 o prof. Soriano Neto. Será orador o bacharelado Odilon Ribeiro Coutinho.

16—O prof. Josué de Castro pronunciou na Faculdade uma conferência sobre “Os fundamentos biológicos da Civilização Brasileira”.



DEMOCRACIA E DITADURA — Em muitos países a democracia tem falhado quanto a satisfação das necessidades humanas. Alguns povos se tornaram de tal maneira fartos de debates estereis e disputas partidárias a respeito de métodos, que têm resolvido renunciar aos princípios e processos democráticos afim de que alguma coisa seja feita. Esses povos esqueceram-se das lições da História num ponto; que a falência inevitável das ditaduras custa a humanidade muito mais do que qualquer falência temporária das democracias.

Roosevelt

Banco Comércio e Indústria de Pernambuco S/A

AV. RIO BRANCO N.º 155

RECIFE — PERNAMBUCO

End. Teleg. CASA FORTE - Caixa Postal, 444

TELEFONES:

Gerência	9681
Sub-Gerência	9024
Contadoria	9558
Geral	9085

OPERAÇÕES BANCÁRIAS EM GERAL

RENDA PRIORI & Cia.

Caramelos, Chocolates
Bonbons

Massas Alimentícias

Colorau, Canela, Pimenta,
Cuminho e Tempero

Funilaria Completa

Litografia, Tipografia
e Estamparia

ESCRITÓRIO

Rua Padre Muniz, 127 à 150

RECIFE

FILIAIS } Belém Pará
Salvador Bala

FABRICA DE LATAS
EM GERAL

FABRICA DE LATAS

Rua da Aurora
1313 à 1343
RECIFE

O Preferido Por Ser O Melhor



DISTRIBUIDORES

**Usina Catende
S. A.**

Rua do Apolo 107
(Terreo)

Fone 9596

COTONÍFICIO DA TORRE S. A.

Capital realizado por ações 50.000.000,00

RUA JOSE' BONIFACIO, 944

CAIXA POSTAL N.º 103

End. Teleg. COBASI

Telefone - 28336

RECIFE

PERNAMBUCO

Grandes Moinhos do Brasil S. A.

Moinhos Recife

Farinha de Trigo

e

Rações Balanceadas para Animais

FONES 9015 e 9017

Recife

Pernambuco



PARA ONDE VAI ELE?

— Para aqueles que, como eu, viam, no término da grande réfrega entre os povos, o rápido retorno à vida normal, constituiu grande desengano verificar que ainda hoje o mundo não se aquietou.

Pela parte que me toca, já voltei à realidade dos fatos e, com a mesma paciência e estoicismo mantidos durante os anos mais críticos, vou fazendo os meus remendos naquilo que ainda tem cõserto: substituindo uma peça aqui, outra ali, até que as coisas melhorem, quando, então, poderei trabalhar com mais facilidade — diz "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

PERNAMBUCO TRAMWAYS

Tel. 6942 — Recife

Great Western Of Brasil Railway

**TRANSPORTES RÁPIDOS
BARATOS
SEGUROS**

Fabrica De Tecidos

"PAULISTA"

Alberto Lundgren & Cia.

Pernambuco

Brasil

Inv. 191 *Inv. 120*

ESTUDANTES

F. D. R.
laaca

Agradece a colaboração de

NÃO PODE SAIR
DA BIBLIOTECA

João Pessoa de Queiroz

340.05
R 2942

Carlos Garcia & Cia.

Frateli Vita